



Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional

Male Names in X-Son in Brazilian Anthroponymy: a Morphological, Historical and Constructional Approach

Natival Almeida Simões Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia / Brasil
nativalneto@gmail.com

Juliana Soledade

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia / Brasil
Universidade de Brasília, Brasília, DF / Brasil
julisoledade@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, pretendemos fazer uma análise de nomes masculinos terminados em *-son* na lista de aprovados dos vestibulares de 2016 e 2017 da Universidade do Estado da Bahia, como *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson* e *Esteferson*. Ao todo, foram registrados 96 nomes graficamente diferentes. Esses nomes, quando possível, foram analisados do ponto de vista etimológico, com base em consultas nos dicionários onomásticos de língua portuguesa de Nascentes (1952) e de Machado (1981), além de dicionários de língua inglesa, como os de Arthur (1857) e Reaney e Willson (2006). Foram também utilizados como materiais de análise a *Lista de nomes admitidos em Portugal*, encontrada no site do Instituto dos Registos e do Notariado, de Portugal, e a *Plataforma Nomes no Brasil*, disponível no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Quanto às análises morfológicas aqui empreendidas, utilizamos como aporte teórico-metodológico a Morfologia Construcional, da maneira proposta por Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) e Rodrigues (2016). Em linhas gerais, o artigo vislumbra observar a trajetória do formativo *-son* na criação de antropônimos no Brasil. Para isso, analisamos o seu estatuto de patronímico no inglês e a sua chegada ao português, como um dos elementos mais recorrentes entre nomes neológicos brasileiros.

Palavras-chave: antropônimos brasileiros; neologismos; mudança morfossemântica.

Abstract: In this paper, we intend to analyze the masculine names ending in -son in the approved list of 2016 and 2017 college entrance exams of the Universidade do Estado da Bahia, such as Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson and Esteferson. In all, 96 different graphical names were registered. These names, when possible, were analyzed from the etymological point of view, based on queries in the Portuguese-language onomastic dictionaries of Nascentes (1952) and Machado (1981), as well as English-language dictionaries such as Arthur (1857) and Reaney and Willson (2006). The List of names accepted in Portugal, found on the website of the Instituto dos Registos e do Notariado, in Portugal, and the Names Platform in Brazil, available on the website of the Brazilian Institute of Geography and Statistics. For the morphological analyzes carried out here, the Constructional Morphology, as proposed by Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) and Rodrigues (2016), was used as a theoretical-methodological approach. In general terms, the article aims to observe the trajectory of formative -son in the creation of anthroponyms in Brazil. For this, it analyzes its status of patronymic in English and its arrival in Portuguese, as one of the most recurrent elements among Brazilian neological names.

Keywords: Brazilian anthroponyms; neologisms; morphological change.

Recebido em 05 de novembro de 2017

Aceito em 17 de dezembro de 2017

1 Considerações iniciais

A Onomástica é a área da Linguística que se interessa pelos nomes próprios e se divide em duas grandes vertentes de estudo: Toponímia (nomes de lugares) e Antroponímia (nomes de pessoas). No Brasil, Seide (2013) observa que, enquanto os estudos toponímicos estão bastante consolidados, sobretudo do ponto de vista teórico-metodológico, pelo fato de muitos se enquadrarem no projeto *Atlas Toponímico do Brasil*, iniciado pela professora Maria Vicentina do Amaral Dick, os estudos antroponímicos se mostram bastante incipientes, tanto pelo fato de não haver um grande projeto para descrever e/ou mapear os usos de nomes de pessoas no Brasil quanto pelo fato de não haver uma metodologia precisa para essas investigações, além do fato de não se saber o que exatamente podemos concluir dos resultados desses estudos.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma análise de nomes masculinos terminados em *-son* na lista de aprovados dos vestibulares

de 2016¹ e 2017² da Universidade do Estado da Bahia, como *Anderson, Jefferson, Emerson, Radson, Talison, Erickson e Esteferson*. Ao todo, foram registrados 96 nomes/ graficamente diferentes. Esses nomes, quando possível, foram analisados do ponto de vista etimológico, com base em consultas nos dicionários onomásticos de língua portuguesa, como os de Nascentes (1952) e de Machado (1981), e de língua inglesa, a exemplo de Arthur (1857) e Reaney e Willson (2006). Foram também utilizados como materiais de análise: (i) o site *The Internet Surname Database*;³ (ii) a *Lista de nomes admitidos em Portugal*,⁴ encontrada no site do Instituto dos Registos e do Notariado (IRN), de Portugal; (iii) a Plataforma *Nomes no Brasil*,⁵ que se baseia no Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Quanto às análises morfológicas aqui empreendidas, utilizamos como aporte teórico-metodológico a Morfologia Construcional, da maneira proposta por Booij (2010), Soledade (2013), Gonçalves (2016a), Simões Neto (2016) e Rodrigues (2016).

De modo geral, o estudo vislumbra observar a trajetória do formativo *-son* na recorrente criação de antropônimos neológicos no Brasil, partindo do seu estatuto original de patronímico no inglês. Feita esta breve apresentação (seção 1), o trabalho divide-se da seguinte maneira: (i) na seção 2, fazemos uma revisão acerca dos estudos onomásticos, no que toca à significação dos nomes próprios; (ii) na seção 3, abordamos os patronímicos em português e o patronímico *-son* em sua trajetória até o português; (iii) na seção 4, são apresentadas as análises dos nomes registrados no *corpus*; (iv) na seção 5, fazemos uma análise dos dados por meio de gráficos; (v) na seção 6, são discutidos os nomes em *-son* na *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos em Portugal*; (vi) na seção 7, são feitas as considerações finais, seguidas das referências.

2 Nomes próprios e significação: algumas abordagens

Entre as abordagens existentes acerca dos nomes próprios nos estudos linguísticos, destacamos a de Ullmann (1964), no livro

¹ Lista de aprovados dos vestibulares de 2016.

² Lista de aprovados dos vestibulares de 2017.

³ Site *The Internet Surname Database*.

⁴ Lista de nomes admitidos em Portugal.

⁵ Plataforma *Nomes no Brasil*.

Semântica: uma introdução à ciência do significado. Nesse trabalho, o autor, com base em estudos de J. Stuart Mill (1846), faz um pequeno mapeamento de cinco critérios passíveis de serem utilizados a fim de diferenciar nomes próprios (apelativos) e substantivos comuns. São eles: (i) unicidade; (ii) identificação; (iii) designação contra conotação; (iv) som distintivo; (iv) critérios gramaticais. Desses cinco, o autor considera útil apenas o segundo critério, o de identificação:

A diferença essencial entre substantivos comuns e os nomes próprios reside na sua função: os primeiros são unidades significativas, os segundos simples marcas de identificação. Esse critério pode ser completado pelo factor importante, mas não muito rigoroso, da distinção fonética. Os restantes critérios ou são de alcance limitado ou estão já implícitos na função identificadoras dos nomes (ULLMANN, 1964, p. 160).

É clara a relação entre a postura de Ullmann e a proposta de Mill acerca dessa questão, como se pode ver na citação a seguir:

Nomes próprios não são conotativos; eles denotam o indivíduo que nomeiam; mas eles não indicam ou implicam quaisquer atributos relativos a esses indivíduos. Quando nomeamos uma criança como o nome de Maria, ou um cachorro com o nome de César, esses nomes são simplesmente marcas utilizadas para possibilitar que esses indivíduos possam ser sujeitos do discurso. Pode-se afirmar, de fato, que podemos ter tido motivos para lhes atribuir tais nomes e não outros quaisquer, e isso é verdade; contudo o nome, uma vez atribuído a um indivíduo, torna-se independente das razões que motivaram a nomeação. Um homem pode ter sido nomeado de João porque este era o nome de seu pai e uma cidade pode ter sido nomeada Dartmouth, porque está situada na foz do rio Dart.⁶ (MILL, 1846, p. 21 [Tradução livre])

⁶ “Proper names are not connotative; they denote the individuals who are called by them; but they do not indicate or imply any attributes as belonging to those individuals. When we name a child by the name Mary, or a dog by the name Caesar, these names are simply marks used to enable those individuals to be made subject of discourse. It may be said, indeed, that we must have had some reason for giving them those names rather than any others: and this is true; but the name, once given, becomes independent of the reason. A man may have been named John because that was the name of his

Em concordância com Mill, Ullmann (1964) novamente destaca que os nomes próprios se caracterizam pela sua opacidade semântica, o que ratifica que a sua função é muito mais designativa/identificativa e pouco conotativa/significativa. Nas palavras do autor,

[e]mbora seja bastante fácil distinguir os nomes próprios dos substantivos comuns, a fronteira entre as duas categorias não é de modo algum decisiva. Muitos nomes próprios derivados de substantivos comuns ainda mostram claramente marcas da sua origem: nomes de lugar como *Blackpool* [pântano negro] e *Newcastle* [castelo novo], apelidos como *Smith* [ferreiro] e *Carpenter* [carpinteiro], nomes de pessoas como *Pearl* [pérola] e *Heather* [urze]. Outros, embora menos transparentes, têm, pelo menos algum elemento analisável, como é o caso de diversos nomes de lugar, que terminam em *-caster*, *-cester* e *-chester*, todos derivados, como é do conhecimento geral, do latim *castra* <<acampamento>>. Muitos outros nomes tornam-se inteiramente opacos, embora o etimologista possa reconstruir, ou, pelo menos, conjecturar o seu processo de formação; assim, o nome *Bordeaux*, latim *Burdigala*, foi dividido em dois elementos pré-indoeuropeus: o ibérico **burdo* <<mulo>> (cf. o espanhol *burro* <<burro>> e o francês *bourrique* <<burra>>) e o ligúrio **cala*, **gala*, <<rocha>> (ULLMANN, 1964, p. 160-161, grifos do autor).

No entendimento de Ullmann (1964), quando um nome comum se converte em nome próprio, ele perde a sua motivação. Isso é dizer que uma pessoa que se chama *Brisa*, em nada, remete ao “nome genérico de ventos que sopram à beira-mar, de fraca a moderada intensidade, regulares ou periódicos” (HOUAISS; VILLAR, 2009, verbete ‘brisa’). Entretanto, essa motivação pode ser recuperada em alguns contextos, como observa Soledade (2012) nos casos de ‘uma rosa para professora Rosa’ ou ‘apareceu a Aparecida’. Nos topônimos, podemos observar a recuperação dos significados em textos humorísticos como o “Coisas que só acontecem na Bahia”⁷ que aborda nomes de bairros da cidade de Salvador:

father; a town may have been named Dartmouth, because it is situated at the mouth of the Dart.” (MILL, 1846, p.21)

⁷ Coisas que só acontecem na Bahia.

Ser preso na Liberdade;
Fumar no Campo da Pólvora;
Tomar banho de mar no Rio Vermelho;
Pastor evangélico morar na Capelinha de São Caetano;
Morar no Uruguai e trabalhar em Roma;
Faltar água na Caixa d'água;
Adulto tomar banho na Água de Meninos;
Candomblé no Terreiro de Jesus;
Morrer na sexta e ser enterrado nas Quinta dos Lázarus;
Confusão na Rua do Sossego;
Brigas no Bairro da Paz;
Não encontrar apoio na Rua d'Ajuda [...]

(Autor desconhecido, postagem 'Coisas que só acontecem na Bahia', 11 de fevereiro de 2015).

Sobre a questão da opacidade, Carvalhinhos e Antunes (2007) observam que esse fenômeno ocorre com mais frequência entre os antropônimos, somando a esse processo, a fossilização e a cristalização dos nomes. Na visão das autoras,

[a] opacidade ocorre por dois motivos principais: o primeiro, mais óbvio, é por desconhecimento da língua em questão, o que leva à não decodificação ou não complementação do percurso decodificação daquele nome. No segundo motivo, o tempo e a sobreposição de camadas lingüísticas concorrem para a opacidade do nome: no caso da Europa, por exemplo, existem registros de topônimos pré-romanos, ou classificados pelos especialistas como pré-romanos. Características morfemáticas, muitas vezes, são elementos preciosos de recuperação lingüística [...]. Poder-se-ia dizer, portanto, que sob a casca oca do significante restam vestígios (semas) que, devidamente tratados, podem completar o percurso de decodificação (CARVALHINHOS; ANTUNES, 2007, p. 4).

A recuperação lingüística, destacada por essas autoras, pode ser, em parte, observada em trabalhos tanto de toponímia quanto de antroponímia. Em relação à toponímia, podemos ver a descrição de Gonçalves (2012) do formativo *-lândia*, cujo significado é 'lugar em que se concentra', como em *Disneylândia* e *Cracolândia*. Esse mesmo elemento é observado no trabalho de Sousa (2007), quando menciona o topônimo *Epitaciolândia*, que faz referência ao ex-presidente da República Epitácio Pessoa. Outros sufixos mencionados por Sousa

(2007) remontam ao trabalho de Bragança Jr. (1992), onde se descobre que “-iba, -uba, -tiba e -tuba são provenientes de duas formas distintas do Tupi: -yba e -tyba”⁸ (SOUSA, 2007, p. 22).

A recuperação etimológica permite ao pesquisador de Onomástica a proposição de significados para criações neológicas, certamente não dicionarizadas. Rodrigues (2016) faz isso com alguns antropônimos neológicos brasileiros que usam formativos de origem germânica. No Quadro 1, estão os étimos e os significados de antropônimos tradicionais do fundo germânico, que foram dicionarizados em Machado (1981). Depois disso, seguem as possibilidades de reconstruções com base nas etimologias dos formativos.

QUADRO 1– Etimologia de antropônimos de origem germânica

ADALFREDO: athal, al. mod. edel, <nobre> e frid, al. mod. Friede, <paz>, <pacificador nobre>
ADALBERTO: athal, al. mod. edel, <nobre> e bertho, <brilhante>, <guerreirobrilhante>
ARNALDO: Aar, <águia> e wald, <forte, potente> <águia poderosa, forte>

Fonte: Rodrigues (2016, p. 27)

Ederaldo (*Ede-* [do germânico anglo-saxão *ead* <riqueza, bens>] + *-r-* + *-aldo* [do germânico *walt/wald* <forte, poderoso>]), *Ederval* (*Ede-* [do germânico anglo-saxão *ead* <riqueza, bens>] + *-r-* + *-val* [do germânico *walt/wald*; < poderoso; aquele que governa>]), *Valmiro* (*Val-* [do germânico *walt/wald* <poderoso; aquele que governa>], + *-mir(o)* [do germânico *-mir* <afamado, ilustre>]), *Gilsimar* (*Gil-* [prov. do germânico *gisil* <penhor>] + *-si-* + *-mar* [do germânico *-mar* <fama, glória>]), *Francinaldo* (*Franci-* [do germânico *frank* <franco>] + *-n-* + *aldo* [do germânico *hard/hart* <forte, poderoso>]), entre outros (SIMÕES NETO; RODRIGUES, 2017, p. 124).

⁸ Embora Souza (2007) não apresente os sentidos de *-yba* e *-tyba*, Barbosa (1951) apresenta os seguintes significados: “tyba – suf. abundancial; (xe): haver, abundar; multidão: jazida” (p. 154); “yba – pé [de plantas]; haste, caule: bastão de ritmo; cabo [de instrumento]; vergôntea; princípio, origem; guia, arrimo; regente [de canto, dança etc.]; ybá – fruta, fruto (do pé de)” (p. 160).

A questão dos significados nos nomes próprios é discutida por outros autores, como Teixeira (2007), Pinker (2008), Henriques (2011), além da já mencionada Rodrigues (2016). Com perspectivas diferentes, esses autores assumem pontos de vista que divergem do que é proposto por Ullmann (1964).

No trabalho de Teixeira (2007), dentro do paradigma teórico da Linguística Cognitiva, são discutidas as motivações metonímicas e metafóricas em *alcunhas* do Norte de Portugal. Sobre os exemplos de motivação metonímica, o autor observa que há dois mecanismos de atribuição: o físico e o comportamental. Teixeira (2007) explica que

[e]videnciam-se dois tipos de particularidades para a atribuição da alcunha de base metonímica: físicas e comportamentais. Aquelas terão que ser, por norma, permanentes, já que referem uma particularidade cognitivamente saliente e constante: a alcunha “Barbas” só faz sentido se o alcunhado as usa habitualmente e não se apenas por uma vez deixou a barba crescer. O mesmo para “Coxo”, “Narizinho”, “Manco”, “Malota”, “Preto”, “Fininho” e outras de índole física. Diferem as metonímias de base comportamental: também podem assentar em particularidades tidas como permanentes (“Mudo”, “Cabeça-de-vento”, “Gago”, “Pide”, “Poeta” e todas as profissionais), mas em muitos casos alicerçam-se em acontecimentos pontuais que funcionam como marcas de referência identificativa [...] (TEIXEIRA, 2007, p. 211-212).

Em relação às motivações metafóricas, Teixeira (2007) observa que o seu rendimento é bastante menor, uma vez que a metaforização é um processo cognitivo mais complexo que a metonimização, pois, nessa última, a compreensão se faz em seu próprio domínio, ao passo que, nas metáforas, é exigido um mapeamento de domínios diferentes da experiência. Encontram-se entre os exemplos metafóricos: *Baleia* (Motivação: pessoa gorda), *Rato* (Motivação: pessoa muito ativa), *Burro* (Motivação: estúpido, teimoso), *Porca* (Motivação: pessoa pouco asseada), *Pisco* (Motivação: pessoa pequena), *Batata* (Motivação: nariz grande), *Tomate* (Motivação: pessoa corada em excesso), *Cenoura* (Motivação: cabelo ruivo), *Carvalha* (Motivação: Pessoa alta) e *Estaca* (Motivação: pessoa alta e magra).

Os achados de Teixeira (2007) mostram que a opacidade mencionada por Ullmann (1964), e em parte ratificada por Carvalhinhos e Antunes (2007), deve ser modalizada, na medida em que há categorias

de nomes próprios que podem apresentar significativa motivação, indo além de uma simples denotação. Geralmente, na categoria de alcunhas, a conversão do nome comum em nome próprio ainda preserva alguma relação clarividente.

Os mecanismos de metonímia e de metáfora são vistos também nos fenômenos de *antonomásia* e *eponímia*, explicados por Henriques (2012). Quanto à *antonomásia*, o autor define como uma “figura de linguagem”

[...]que consiste em empregar um substantivo comum ou uma expressão substantiva como substituto de um nome próprio, seja nome de pessoa (ANTROPÔNIMO) ou de lugar (TOPÔNIMO). A motivação para que se crie uma alcunha é sempre metafórica ou metonímica, mas as razões para isso nem sempre são conhecidas (HENRIQUES, 2012, p. 106).

Como exemplificação do fenômeno de *antonomásia*, Henriques (2012) menciona:

Rio de Janeiro é a “Cidade Maravilhosa”, e São Paulo é a “Terra da Garoa”. O Japão é o “País do Sol Nascente”, e a praia de Copacabana é a “Princesinha do Mar”. Mas qual é o apelido do estádio cujo nome oficial é Estádio Paulo Machado de Carvalho? Ele fica no bairro do Pacaembu, em São Paulo. Daí, por metonímia, o seu apelido. O nome do estádio é uma homenagem ao “Marechal da Vitória”, chefe da delegação brasileira campeã do mundo de futebol em 1958 e 1962. É um caso muito peculiar, pois tanto como antropônimo como topônimo, Paulo Machado de Carvalho tem antonomásia. Não será estranho imaginar que um dia alguém possa dizer que vai ver um jogo no “Estádio Marechal da Vitória” (HENRIQUES, 2012, p. 107).

A respeito da *eponímia*, Henriques (2012) conceitua como um

[...] fenômeno resultante de uma metonímia que se baseia numa relação de contiguidade entre antropônimos e significações que não tem uma palavra própria para exprimi-las ou para as quais se propõe uma nova denominação. Essa passagem a substantivo comum não caracteriza mudança de classe, mas de *subcategoria* (substantivo próprio > substantivo comum).

Há EPÔNIMOS sincrônicos, os que têm vínculos referenciais ainda muito nítidos com o antropônimo que lhes deu origem (*amélia*, *barbie*, *belzebu*, *camões*, *cupido*, *drácula*, *heman**,

quixote, sansão, tarzã...), e há EPÔNIMOS diacrônicos, os que só podem ser assim identificados mediante uma informação histórica que contextualize sua criação a partir de um antropônimo (*baderna, carrasco, colt, gandula, gari, gilete, judas...*) (HENRIQUES, 2012, p. 109-110).

As histórias por trás dos epônimos diacrônicos estão apresentadas no Imagem 1, extraído de Henriques (2012).

FIGURA 1 – Exemplos de epônimos

Marieta Baderna: dançarina italiana que esteve no Rio de Janeiro em 1851, provocando “um certo *fisson*” e cujos admiradores eram chamados de “os badernas”.

[“baderna” = arruaça, desordem, confusão]

Belchior Nunes Carrasco: Algoz que teria vivido em Lisboa, antes do séc. XV.

[carrasco = indivíduo cruel, tirano]

Samuel Colt: inventor do revólver dessa marca.

[colt = revólver usado nas narrativas do velho oeste]

Bernardo Gandulla: futebolista argentino que atuou num clube do Rio de Janeiro no final da década de 1930 e que tinha o hábito de buscar as bolas que saíam de campo.

[gandula = apanhador de bolas que saem do campo]

Aleixo Gary: incorporador da empresa a cujo cargo esteve o serviço público de limpeza das ruas, no Rio de Janeiro do início do século XX:

[gari = varredor de rua]

King Camp Gillette: inventor e primeiro fabricante dessa lâmina e aparelho de barbear.

[gilete = lâmina de barbear, motorista ruim (barbeiro, navalha)]

Judas Iscariote: discípulo de Jesus Cristo [judas = traidor]

Fonte: HENRIQUES, 2012, p. 110.

É possível perceber, por meio dessas explicações, o percurso metonímico na construção do significado dessas palavras. Seja pelas *epônimas*, seja pelas *antonomásias*, vemos que os limites entre o léxico comum e o léxico onomástico não são tão precisos quanto se pensava anteriormente. Os trabalhos de Henriques (2012) e de Teixeira (2007), de um modo geral, ratificam que a opacidade deve ser questionada, na medida em que a noção de ‘significado’ é mudada. No âmbito das teorias linguísticas de orientação cognitiva, sobretudo na Linguística Cognitiva, o significado não é o significado construído no interior do sistema linguístico, é um significado baseado na experiência, nas formas de se entender e organizar o mundo em que se está envolvido, a partir de uma perspectiva mediada pela história e pela cultura.

Também em uma abordagem cognitiva, o texto de Pinker (2008) discute onde mora o significado das palavras (no mundo exterior ou na mente?). A reflexão do autor começa da seguinte maneira:

Para qualquer um que esteja interessado na língua como janela da mente, o mundo exterior pode parecer um habitat pouco promissor. A palavra *gato*, por exemplo, refere-se ao conjunto de todos os gatos que já existiram ou que vão existir. Mas nenhum mortal pode conhecer todos os gatos, no presente, passado e futuro. Além disso, muitas palavras não têm nenhum referente no mundo, como *unicórnio*, *Eliza Doolittle* e *Coelho da Páscoa*, mas as palavras certamente têm significado para a pessoa que as conhece. Por fim, as pessoas usam palavras com sentidos bem diferentes para se referir à mesma coisa no mundo. O exemplo clássico é *estrela da tarde* e *estrela da manhã*, que no fim das contas são dois nomes para o planeta *Vênus*. Mas certamente eles têm significados diferentes para pessoas que não entendem de astronomia e não têm como saber que se referem ao mesmo corpo celeste. Existe outro exemplo bem conhecido de duas palavras que se referem à mesma coisa no mundo, mas significam coisas diferentes para uma pessoa. As palavras são *Jocasta* e *mãe*, e a pessoa é *Édipo* (PINKER, 2008, p. 323).

No entendimento do autor, não há uma resposta única para essa questão, “porque a divisão de trabalho entre sentido e referência é muito diferente para tipos diferentes de palavras” (PINKER, 2008, p. 324). O autor, então, apresenta três categorias de nomes:

tipos naturais, como *cat* [gato], *water* [água] e *gold* [ouro]; coisas manufaturadas, como *pencil* [lápis], *oatmeal* [farinha de aveia] e *cyclotron* [ciclotron], e nomes próprios, como *Aristotle* [Aristóteles], *Paul McCartney* e *Chicago*. Quais são os papéis do mundo e da mente em se tratando desse tipo de entidade? (PINKER, 2008, p. 325).

Pinker (2008) coloca em confronto as ideias de que o significado de uma palavra possa ser, por um lado, o conjunto de coisas a que ele se refere e, por outro, uma espécie de descrição como uma entrada nos dicionários ou uma fórmula lógico-matemática. A respeito dos nomes próprios, o autor faz uma série de experimentos mentais com base no que se sabe de pessoas ilustres como *Paul McCartney*, *Cícero*, *Aristóteles*, *Sheakespeare*, entre outros, chegando à conclusão de

que o nome não é uma descrição abreviada de coisa nenhuma, mas um *designador rígido*- um termo que designa o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis. Um nome, em outras palavras, refere-se a um indivíduo em todas as circunstâncias imagináveis em que possamos falar racionalmente sobre aquele indivíduo, e que se danem os fatos biográficos. A referência de um nome é fixada quando os pais da pessoa, na prática, dão-no à pessoa que pretendem que carregue o nome, ou no momento, qualquer que seja, em que o nome pega. Ele então continua a indicar aquela pessoa por toda a sua vida, e até depois dela, graças a uma cadeia de transmissão em que uma pessoa que sabe o nome o usa na presença de outra pessoa que pretende usá-lo da mesma maneira (“Vou contar a você sobre um grande filósofo. O nome dele era Aristóteles ...”). Os nomes são, em certo sentido, mais próximos de indicadores como *this* [este] ou *you* [você] que de descrições como “o primeiro presidente dos Estados Unidos” ou “um pequeno mamífero domesticado que tem pêlo macio, garras afiadas e orelhas pontudas”. Quando sabemos um nome, estamos implicitamente indicando alguém, independentemente do que nós – ou qualquer um – saibamos sobre aquela pessoa (PINKER, 2008, p. 328-329).

Essa proposta de Pinker parece se associar, de algum modo, com o entendimento de Fillmore (1971) e Levinson (2007) acerca do que sejam as dêixis sociais, em geral relacionadas a pronomes e formas de tratamento. A dêixis é um fenômeno que permite que os sujeitos estabeleçam um ponto de referência no discurso/texto a partir de relações temporais, espaciais, sociais e discursivas. Ela atua na língua como um tipo de âncora dimensional que exigirá, do receptor da mensagem, certo “esforço” cognitivo para identificação e reconhecimento de elementos situados fora do contexto da enunciação. No caso das dêixis sociais, podemos dizer que se tratam de construções através das quais as identidades sociais emergem no discurso.

Ainda sobre a visão de Pinker (2008), podemos, a partir dela, assumir que o significado de um nome está ligado não só ao seu aspecto designativo, mas também a um conjunto de conceptualizações e categorizações feitas com base nele. Assim, ao ouvir uma frase como ‘Alexandre está vindo me fazer uma visita’, mesmo que o ouvinte não saiba quem seja Alexandre de forma específica, ele pode presumir que se trate de um indivíduo do sexo masculino, além de outras informações sócio-culturais que podem ser inferidas a partir do contexto.

Foi partindo do entendimento de que essas categorizações devem ser levadas em consideração na abordagem semântica dos nomes próprios, que Rodrigues (2016) as incorporou como contraparte das construções antroponímicas brasileiras com formativos de origem germânica. A autora seguiu a perspectiva dos esquemas da Morfologia Construcional (MC), baseando-se nas formulações teóricas de Booij (2010), Soledade (2013) e Gonçalves (2016a).

No âmbito da MC, um esquema morfológico é uma formulação teórica que dá conta do pareamento entre forma, significado e função na formação e interpretação de palavras. No trabalho de Rodrigues (2016), então, são apresentados esquemas como os seguintes:

- (1) [X-aldo/X-naldo/X-valdo]_{NP} ↔ [nome de pessoa do sexo masculino]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 39)
- (2) [X-mara(es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa do gênero feminino]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 53)
- (3) [ED(i/e)-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP} (RODRIGUES, 2016, p. 44)

A partir dos exemplos de Rodrigues (2016), a formulação esquemática em (1) permite agrupar e compreender nomes como *Adroaldo, Aguinaldo, Arnaldo, Arquibaldo, Beraldo, Bernaldo, Clodoaldo, Euvaldo, Evaldo, Geraldo, Givaldo, Heraldo, Oivaldo, Reginaldo, Reinaldo, Teobaldo, Ubaldo, Vilibaldo, Vinebaldo e Vivaldo*, todos referentes a indivíduos do sexo masculino. O esquema em (2) instancia *Damares, Edmara, Gilmara, Josimara, Lucimara e Nilmara*, todos referentes a pessoas do sexo feminino. Por fim, no esquema (3), não se faz especificação de sexo, pois o formativo *Ed-*, sobretudo, por se tratar de um formativo que ocupa a margem esquerda dos prenomes, integra tanto nomes masculinos quanto femininos. Exemplos são: *Edclea, Edeilice, Ediana, Edijane, Edileide, Edilene, Edilla, Edineia, Edirlainne, Edjane, Edmara, Edmildes e Edvania, Edemario, Edenildo, Edenilton, Ederaldo, Ederval, Edinaldo, Edmagnó e Edwardes*. Apesar de Rodrigues (2016) não especificar o sexo nesse último esquema, coloca na contraparte semântica a informação de que ele instancia nomes de pessoas. Isso o difere, por exemplo, de esquemas *X-briga, X-lândia e X-ópolis*, que instanciam nomes de lugares.

No que toca à relação entre nome próprio e significado, neste artigo assumiremos a formulação de Rodrigues (2016), entendendo

que, embora essa categoria de nomes não tenha um significado (no seu sentido mais canônico e estrutural), apresenta aspectos de motivação e referencialidade que permitem aos falantes/conceptualizadores, mediante experiência, fazer conjecturas e categorizações.

3. Patronímicos no português e o patronímico *-son* do inglês ao português

A origem da palavra *patronímico* é a forma grega *patrónumikós*, ê, ón (HOUAISS; VILLAR, 2009, verbete ‘patronímico’), com o significado de ‘tirado do nome do pai’. Tradicionalmente, é entendido como um elemento da frase antroponímica que alude à figura do pai ou de ascendente. Patronímicos existiram e existem na história de muitas línguas e, em algumas dessas, a identificação da relação com o pai é marcada por meio de um afixo (sufixo ou prefixo). Na clássica obra *Antroponímia portuguesa*, Leite de Vasconcelos (1928) observa o seguinte a respeito desses elementos nas línguas indo-europeias, dando destaque ao latim e ao português:

Costume muito antigo, nos povos indo-europeus, e noutros, era o de, quando numa narração se mencionava um indivíduo, ou este assinava um documento, indicar seguidamente ao nome d’ele o nome do pai.

(...) A filiação exprimia-se: (1) por um genitivo em *-i*, que era comum a outras relações, e bem assim em *-e* (e *-ae*), *-is*, *-onis* (e *-oni*), *-anis* (e *-ani*); (2) ou por um genitivo com sufixo próprio, isto é, *-az*, *-oz*, *-uz*, e em *-iz* (tornado depois, *-ez*, *-es*, etc.), ainda que nem todos com igual frequência. Aos nomes formados d’este modo, e agregados aos nomes de batismo, como significativos de estirpe paterna, costumam os gramáticos chamar *patronímicos*. Chamam especialmente assim aos que têm sufixos próprios. (VASCONCELOS, 1928, p. 101-102, grifos do autor).

Silva (2012), em sua pesquisa sobre os sobrenomes na antroponímia do português arcaico, faz uma análise de nomes registrados em documentos notariais medievais, apontando uma estrutura recorrente com três elementos na frase antroponímica desse período. Um desses elementos é o patronímico, como podemos ver no Quadro 2, a seguir:

QUADRO 2 – Análise da produtividade da formação de antropônimos portugueses

Antropônimo	1ª Designação (Prenome)	2ª Designação (Patronímico)	3ª Designação (Locativo)	Século/ Região
Pedro Garzia de Uoado, morador en Uoado	Pedro	Garzia	de Uoado	(1269) Coruña
Thareygia Froyaz, filha de Maria Petrez de Oza e Froya Suariz,	Thareygia	Froyaz		(1262) Região Coruña
Berto Nuniz de Castelo pai de Marina Nuniz	Berto	Nuniz	de Castelo	1255 Região Lugo
Johã Paez, bisavô de Pedro Paez d'Arregeyro	Pedro	Paez	d'Arregeyro	1281 Coruña
Afonso Pelaez, fillo de Pay Fagüdez, notario que foi de Santiago	Afonso	Pelaez		(1351)
Afonso Alvarez, fjlho de Alvaro Annes de Vjlarjnho	Afonso	Alvarez		(1484) Douro Litoral
frey Bieyto de Pontevedra	Bieyto		de Pontevedra	(1506) Pontevedra

Fonte: Silva (2012, p. 37).

Podemos perceber a estrutura dos nomes observada por Silva (2012) nos nomes de trovadores galego-portugueses. Eles estão reproduzidos no Quadro 3, a seguir. Seja dado destaque aos patronímicos.

QUADRO 3 – Exemplos de patronímicos em *-es* no galego-português

Nome completo	Patronímico	Significado
Estêvão Fernandes d'Elvas	Fernandes	Filho/Descendente de Fernão
Fernão Gonçalves de Seabra	Gonçalves	Filho/Descendente de Gonçalo
Fernão Rodrigues de Calheiros	Rodrigues	Filho/Descendente de Rodrigo
Fernão Soares de Quihones	Soares	Filho/Descendente de Soeiro
Rui Martins de Ulveira	Martins	Filho/Descendente de Martim
Airas Nunes	Nunes	Filho/Descendente de Nuno
Pero Gomes Barroso	Gomes	Filho/Descendente de Gome
Gil Sanches	Sanches	Filho/Descendente de Sancho
João Lopes de Ulhoa	Lopes	Filho/Descendente de Lobo
João Mendes de Briteiros	Mendes	Filho/Descendente de Mem
João Vasques de Talaveira	Vasques	Filho/Descendente de Vasco

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

No português arcaico, os patronímicos funcionavam como mecanismos de organização de famílias e clãs, e esse significado de ‘filho ou descendente’ ainda era funcional naquela sociedade. A título de exemplo comprovável, a biografia do escrivão *Pero Vaz de Caminha* aponta que o seu pai se chamava *Vasco Fernandes de Caminha*, o que justifica o patronímico *Vaz* (variante de *Vasques*). Estendendo-nos, é admissível que pensemos que o avô de *Pero Vaz de Caminha* se chamava *Fernão*, com base no nome do seu pai. Observemos que os patronímicos não funcionavam exatamente como um sobrenome, apenas marcava famílias e outras organizações por uma perspectiva patriarcal. Porém, ao longo dos tempos, esse elemento se disseminou como um sobrenome comum, tal como se entende atualmente, ou seja, sem nenhuma especificidade semântica. Dessa forma, uma pessoa que tenha o sobrenome *Simões*, hoje em dia, não obrigatoriamente tem um pai/ascendente chamado *Simão*. É nesse sentido que Menon (2013) considera que houve uma perda morfológica, no decorrer da história do português, em relação ao sufixo patronímico *-es*.

A respeito da presença dos patronímicos em outras línguas, Viaro (2013) observa:

[a] esses se acrescentam sobrenomes ingleses e nórdicos terminados em *-son* (*Anderson, Jefferson, Robinson*), nomes irlandeses e escoceses iniciados em *Mac* ou *O'* (*McDonald, McLuhan, McIntosh, McCarthy, McAdam, O'Hara, O'Connor*), nomes eslavos terminados em *-ov, -itch, -ovitch* (*Ivanov, Ivanovitch*), nomes romenos terminados em *-escu* (*Ionescu, Popescu, Ceaușcu*) e alguns sobrenomes italianos terminados em *-ato, -elli, -ella, -ini, -otti, -oni, -utti* (*Francescato, Antonelli, Paolini, Perotti, Zaroni, Stefanutti*) (VIARO, 2013, p. 178, grifos do autor)

Em alguns desses exemplos de outras línguas, observamos o mesmo esvaziamento e opacidade semântica que ocorreu nos patronímicos no português. No *A dictionary of English surnames*, Reaney e Wilson (2006 [1958], p. 8-10) afirmam que, no inglês antigo, patronímicos eram formados adicionando *-ing* ao tema ou *-sunu* ao genitivo do nome de pessoa: *Dudding* ‘filho de Dudda’, *Eadricessunu* ‘filho de Eadric’. O formativo *-sunu* também foi empregado como forma patronímica adjunta *Hering Hussan sunum* (603 d.C.); esse tipo de formação também foi encontrada nos séculos VIII e IX e não era incomum entre nomes femininos: *Godwine Aelfrices Suna*. Ademais, similarmente, esse formativo era também comum entre antropônimos escandinavos *Purfero Rolfes Sune*. Segundo os autores, a significativa frequência de nomes com o formativo *-son* no norte do Reino Unido é comumente atribuído a influência nórdica. Destacam os lexicógrafos que até o século XIII formas descritivas como *Hugo filius cleric*, *Willemus filius fabri* concorriam com as formas em *-son*. A partir do século XIV começam a predominar formações do tipo *Smythson* e *Clerkesonne*, que ainda hoje perduram.

A permanência do formativo *-son* e o seu alomorfe *-sen* no inglês e em línguas nórdicas revela que esse já não mais preserva a associação ao sentido ‘filho de’, mesmo que a palavra *son* ‘filho’ ainda exista como forma livre nessas línguas.

Se analisarmos alguns nomes de alguns ícones da cultura anglofalante perceberemos não só a permanência dos patronímicos formados por esse formativo, como também a falta de correlação semântica, já que o sobrenome revela-se mais como uma herança de família do que como uma relação estritamente patronímica, no sentido de ‘filho de’, como podemos notar no Quadro 4.

QUADRO 4 – Exemplos de patronímicos em *-son/-sen* no inglês

Nome completo	Patronímico	Significado
Emma Watson	Watson	Descendente de Watt
Samuel L. Jackson	Jackson	Descendente de Jack
Britt Robertson	Robertson	Descendente de Robert
Mara Wilson	Wilson	Descendente de William
Thomas Edison	Edison	Descendente de Eda
Flora Robson	Robson	Descendente de Robin
Horatio Nelson	Nelson	Descendente de Nell
Thomas Jefferson	Jefferson	Descendente de Jeffrey
Kelly Clarkson	Clarkson	Descendente de Clark
Pamela Denise Anderson	Anderson	Descendente de Andreas
Cristopher Scott Petersen	Petersen	Descendente de Peter
Scarlett Ingrid Johansson	Johansson	Descendente de Johan
Emil Fredericksen	Fredericksen	Descendente de Frederick
Marc Johnson	Johnson	Descendente de John
Latanya Richardson	Richardson	Descendente de Richard

Fonte: Elaboração dos próprios autores, com base em informações do site *The Internet Surname Database*

A partir do Quadro 4, em primeiro plano, podemos notar a menor frequência de *X-sen*, em relação a *X-son*. Isso, certamente, se deve ao fato de as formações *X-sen* estarem mais associadas às línguas nórdicas, tais como o dinamarquês e o norueguês. Outro ponto importante para analisarmos é que, se consultadas as biografias de algumas dessas pessoas, comprovaremos que, também no inglês, os antropônimos *X-son* se difundiram como sobrenomes comuns, perdendo o estatuto de patronímicos, tal como aconteceu no português, com os *X-es*. Por exemplo, o pai da atriz *Scarlett Johansson* não se chama *Johan*, mas sim *Kartsen Johansson*. Em relação ao pai do ator *Samuel L. Jackson*, esse se chama *Ron*, e não *Jack*. Por fim, o treinador de futebol americano *Chris Petersen* tem como pai *Ron Petersen*, não *Peter*.

No que se refere à adoção do formativo *-son* no português brasileiro, um fato interessante é a mudança de categoria, pois, ao invés de ser aplicado à categoria de sobrenome, passou a ser usado em prenomes (primeiro nome). Isso, segundo Mexias-Simon (2004), se deve ao fato de não existir, no Brasil, o costume de tratar as pessoas pelo sobrenome, como acontece nos Estados Unidos: *Mr. Jackson, Mrs. Wilson*.

Em um trabalho sobre a tradição e criatividade na nomeação de brasileiros, Mexias-Simon (2004) observou as listas de presentes em paróquias de três cidades do interior do Rio de Janeiro, nos anos de 1928, 1938, 1948, 1958, 1968 e 1972. A autora destacou alguns nomes *X-son* já na lista de 1928, casos de *Welson e Nelson*, comentando que esses nomes fugiam ao sistema ortográfico e fonológico brasileiro. Ao longo dos anos, nas listas consultadas, Mexias-Simon (2004) mencionou as seguintes formações *X-son*: (i) *Adirçon, Delço, Uilson* (lista de 1948); (ii) *Danilson, Edimilso* (lista de 1968); e (iii) *Anderson, Robson, Vanderson, Adeilson, Adnilson, Arilson, Ivanilson e Maiélson* (lista de 1972).

A fim de concluirmos essa seção, importa observar que, em termos semânticos e construcionais, tanto os patronímicos *X-es*, do português, quanto os *X-son*, do inglês, passaram por mudanças esquemáticas, quando se comparam o significado original e o estatuto que têm na língua contemporânea. A respeito das construções *X-es*, apresentamos a seguinte formulação:

(4) (A) $[[X_i]_{NP} -es]_{NP} \leftrightarrow [\text{'filho de' } X_i]_{NP}$



(B) $[[X_i]_{NP} -es]_{NP} \leftrightarrow [\text{sobrenome comum originalmente relacionado a } X_i]_{NP}$

No esquema em (4), (A) indica o significado/função original de patronímicos dos nomes *X-es*, ao passo que (B) mostra a sua função como sobrenome no português contemporâneo. Houve, então, uma extensão metonímica de uma função específica da frase antroponímica para uma função um pouco menos específica, pois já não tem a propriedade de indicar filiação ou dinastia.

Referente aos nomes de origem inglesa e nórdica, fenômeno equivalente pode ser observado no esquema em (5), a seguir:

(5) (A) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{'filho de' } X_i]_{NP}$



(B) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{sobrenome comum originalmente relacionado } X_i]_{NP}$

Por sua vez, quando incorporado ao sistema antroponímico brasileiro, observamos um novo deslocamento semântico-funcional, pois é a partir dos sobrenomes da língua inglesa, já esvaziados de seu sentido patronímico que o formativo *-son* será tomado no português para formar prenomes neológicos:

(6) (B) $[[X_i]_{NP} \text{-son/sen}]_{NP} \leftrightarrow [\text{sobrenome comum originalmente relacionado } X_i]_{NP}$



(C) $[[X\text{-son}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do gênero masculino associado a formativo antroponímico } X]]_{NP}$

Assim, em relação ao esquema em (5), destacamos que o significado inicial de patronímico, em (A), diz respeito à língua de origem, visto que, no Brasil, sequer existiu essa funcionalidade, muito menos por meio desse formativo. Em (B), vemos o estatuto desses elementos como sobrenomes comuns no inglês,⁹ tal como aconteceu nas construções *X-es*, no português. Por fim, em (6), é derivado do esquema de sobrenomes do inglês o esquema formativo de nomes próprios masculinos no português do Brasil. Essa derivação não é um processo direto. Primeiro, ao que parece, alguns dos sobrenomes da língua inglesa já haviam migrado para a posição de prenome, como por exemplo, *Alyson, Edson, Emerson e Nelson*. Por outro lado, mesmo aqueles que eram empregados como sobrenomes nos países anglo-falantes, foram introduzidos no Brasil como prenomes: *Anderson, Erickson, Jamerson, Jakson, Jeferson, Johnson, Robson*.

Importa observar que, quando o patronímico se converteu em sobrenome comum no inglês, o seu aspecto morfológico foi mantido, assim

⁹ Aqui abandonaremos a citação a outras línguas, uma vez que é através da língua inglesa que esse formativo chegará e se difundirá entre os nomes brasileiros.

a categoria da base é sempre um nome próprio masculino. Porém, quando se converteu em prenome no Brasil, isso se perdeu, visto que em nomes como *Nadson*, *Mailson*, *Joedson* e *Jadson*, há a aparente impossibilidade de se propor uma paráfrase como filho de *Nad*, *Mail*, *Joed* e *Jad*.

4 As construções *X-son* no português brasileiro¹⁰

4.1 Construções *X-son* de origem inglesa

É importante ressaltar que compreendemos, neste trabalho, a estruturação do léxico e da morfologia a partir daquilo que se conhece como *Teoria da entrada Plena (Full entry theory)* tal como tem sido defendida por Booij (2010), no âmbito da Morfologia Construcional. Essa teoria admite que o léxico das línguas possui uma estrutura hierarquicamente organizada, em que palavras complexas armazenadas na memória do falante são fontes/modelos para abstração de esquemas que permitem a construção de novas palavras complexas seguindo o mesmo molde. Dessa forma, esquemas abstratos de formação de palavras são adquiridos a partir do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam os padrões de construção que possibilitam a geração de novos itens lexicais.

Assim, percebemos que o sistema antroponímico brasileiro, primeiramente, passou a incorporar alguns sobrenomes de origem inglesa com o formativo *-son* empregando-os como prenomes, para depois usar esses prenomes como modelos para a criação de novos nomes.

Correspondendo a sobrenomes registrados no *Dictionary of surnames* (REANEY; WILLSON, 2006), no *An etymological dictionary of family and Christian names* (ARTHUR, 1857) e no site *Surname Database*, encontramos em nossos dados 16 prenomes, que podem ou não apresentar variação gráfica. Esses prenomes encontram-se bastante difundidos entre a população brasileira como demonstram os dados do IBGE na plataforma *Nomes no Brasil*.¹¹ Sistematizamos esse conjunto na Tabela 1, a seguir:

¹⁰ Embora estejamos partindo de um *corpus* datado e localizado na Bahia, ao verificarmos o uso desses nomes na plataforma *Nomes no Brasil*, a reflexão acerca do uso do nome deixa de ser localizada em um estado e passa a se ter uma visão acerca de seu emprego nacionalmente.

¹¹ No site *Nomes no Brasil*, o IBGE disponibiliza um conjunto de cerca de 130 mil nomes que encontram registro no Brasil, datados entre algumas poucas décadas antes de 1930 e 2010.

TABELA 1 – Anglicismos em *-son* usados no Brasil

Nomes	Surname	Étimo	Primeiros registros documentados nas línguas de origem	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiros registros no Brasil
Abisson ~ Abson	Abson	Ab (possível corruptela de nomes como <i>Abel</i> e <i>Abraham</i>) + <i>-son</i> (DS) ¹²	William <i>Abson</i> (1379) (DS)	226 / 23.892°	1970
Adson	Addison	<i>Addie/Addie</i> (usado tanto como prenome quanto como corruptela de <i>Adam</i>) + <i>-son</i> (DE) ¹³	John <i>Addison</i> (1308); Robert <i>Addison</i> (1498) (DS)	12.453 / 1.439°	1930
Alisson ~ Allisson	Alison	<i>Alice/Aleis</i> + <i>-son</i> ; variante de <i>Allanson</i> (<i>Allan</i> + <i>-son</i>) (DS)	William <i>Alison</i> (por volta de 1248); John <i>Allison</i> (1332) (DS)	95.080 / 405°	1930
Anderson ~ Andeson	Anderson	<i>Andrew</i> + <i>-son</i> (DE)	Henry <i>Androsoun</i> (por volta de 1443); John <i>Andrewson</i> (1444); Robert <i>Androwson</i> , <i>Androsoun</i> (1455, 1482); Thomas <i>Anderson</i> (1471) (DS)	473.250 / 42°	1930
Edson	Edson	Variante de <i>Edeson</i> . <i>Ead/Edd</i> + <i>-son</i> (DS)	William <i>Eddesone</i> (1314); Geoffrey <i>Edessone</i> (1328); William <i>Edison</i> (1394) (DS)	431.543/ 55°	Antes de 1930

¹² A abreviatura ‘DS’ indica que o dicionário *Dictionary of surnames* (REANEY; WILLSON, 2006) foi a fonte da informação.

¹³ A abreviatura ‘DE’ indica que o dicionário etimológico *An etymological dictionary of family and Christian names* (ARTHUR, 1857) foi a fonte da informação.

Emerson	Emerson	<i>Emar</i> (de <i>Ethelmar</i>) + -son (DE) <i>Emery</i> + -son (DS)	William <i>Emeryson</i> (1411); Cuthbert <i>Emerson</i> (1498) (DS)	177.935/ 176°	Antes de 1930
Erickson ~ Herycksson	Erickson	<i>Erick</i> + -son (SDB) ¹⁴	Lawrence <i>Erickson</i> (1613); John <i>Ericsson</i> (1803-1889) (SDB)	4.818 / 2.814°	1960
Harrison	Harrison	<i>Henry</i> + -son (DS)	Henry <i>Hennerissone</i> (1354); Robert <i>Harriesone</i> (1355); John <i>Herryson</i> (1372); William <i>Henryson</i> (1376); John <i>Herryson</i> , <i>Harryson</i> (1445) (DS)	438 / 14.871°	1970
Hudson ~ Rudson	Hudson	Hudd + -son (DS); <i>Hod/Roger</i> + -son (DE)	John <i>Hudson</i> , <i>Hutson</i> (1323) (DS)	23.087/ 937°	Antes de 1930
Jackson ~ Jacson	Jackson ~ Jakson ~ Jacson	<i>Jack</i> (forma afetiva de <i>John</i>) + -son (DE)	Adam <i>Jackessone</i> (1327); Adam <i>Jakson</i> (1353); John <i>Jakeson</i> (1438) (DS)	58.806 / 474°	Antes de 1930
Jefferson	Jefferson	Geoffrey + -son (DS)	Robert <i>Geffreysone</i> (1344); Alice <i>Geffrason</i> (1488); John <i>Jeffrason</i> (1528)	253.819 / 114°	Antes de 1930
Madson	Madison	<i>Matt</i> (corruptela de <i>Mathew</i> ou <i>Matilda</i>) + -son (DE) Variante de <i>Mathieson</i> (<i>Matthew</i> + -son); ou <i>Maddy</i> (forma afetiva de <i>Maud</i>) + -son (DS)	Thomas <i>Madyson</i> (1425); William <i>Maddison</i> (1430); Lancelot <i>Madyson</i> (1532) (DS)	9.168/ 1.791°	1940

¹⁴ A sigla SDB indica que o site *Surname Database* foi a fonte da informação.

Nelson	Nelson	<i>Nell</i> + -son (DS) Variante de <i>Neilson</i> , podendo ser <i>Nell</i> ou <i>Neil</i> + -son (DE)	Robert <i>Nelleson</i> (1324) (DS)	200.581 / 158°	Antes de 1930
Neilson	Neilson	Variante de <i>Nelson</i> , podendo ser <i>Nell</i> ou <i>Neil</i> + -son (DE) <i>Neil</i> + -son (DS)	John <i>Neylson</i> (1510); John <i>Nilsoune</i> (1654) (DS)	5.714 / 2.477°	1940
Nilson	Nilson	Variante de <i>Neilson</i> , logo advém de <i>Neil</i> + -son (DS)	John <i>Neylson</i> (1510); John <i>Nilsoune</i> (1654) (DS)	101.796 / 303°	Antes de 1930
Robson	Robson	<i>Rob</i> (usado tanto como quanto como corruptela de <i>Robert</i>) + -son (DS)	Richard <i>Robson</i> (1379) (DS)	236.282 / 125°	Antes de 1930

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Podemos considerar que esse conjunto de nomes, formados, em geral, na língua inglesa, entre os séculos XIII e XVII, já devem ser considerados como empréstimos no português brasileiro, sobretudo se considerarmos a frequência de uso no Brasil e as datas de primeiros registros, sendo que a maioria se situa por volta da década de 1930, destoando desse conjunto apenas *Abson* e *Harrison*,¹⁵ ambos com primeiro registro na década de 1970.

Sobre o uso desses nomes no Brasil, destacamos que, em sua maioria, são utilizados como nomes de homens. No entanto, *Adison*,¹⁶ *Alisson*¹⁷ e

¹⁵ Acreditamos que a difusão do nome *Harrison* a partir da década de 1970, possa estar relacionada ao sucesso do ator norte-americano *Harrison Ford* que nessa década incorporou o personagem *Han Solo* na série de filmes *Star Wars*.

¹⁶ Exemplos do uso de *Alison* como nome unissex na antroponímia de origem inglesa são a personagem *Addison Montgomery*, interpretada pela atriz Kate Walsh nas séries *Grey's Anatomy* e *Private Practice*, e o cientista da NASA *Addison Bain*.

¹⁷ Exemplos do uso de *Alison* como nome unissex na antroponímia de origem inglesa são o roteirista de cinema estadunidense *Allison Burnett* e a atriz e cantora também estadunidense *Alison Sudol*.

*Madson*¹⁸ (e suas variantes) podem ser encontrados no Brasil, com menor frequência, como registros de pessoas do sexo feminino, fato que também ocorre no inglês.

Do ponto de vista da construção morfológica, demonstraremos que esses nomes, tomados de empréstimo, foram apropriados pelo português brasileiro como modelos para a depreensão de padrões/esquemas que permitiram (e ainda permitem) criar novos nomes (neologismos antroponímicos) com base em processos concatenativos, tomando de empréstimos o sufixo *-son*, e não concatenativos,¹⁹ fazendo recortes sobre os empréstimos para gerar novos formativos, chamados de *splinters*.

4.2 Novas formações *X-son* da antroponímia brasileira

Verificamos, a partir dos nossos dados e dos dicionários consultados, que os nomes formados no inglês possuem uma estrutura mórfica com dois formativos (nome + sufixo *-son*). Os nomes neológicos no português parecem seguir padrão similar, isto é, o sufixo *-son* é incorporado na margem direita do nome, tendo como base um conjunto de fonemas que articulados se estruturam como uma base nominal (*Jad-*, *Jed-*, *Nad-* etc.), em alguns casos a base é realmente uma forma livre na língua (*Gil*) ou uma forma presa recorrente em antropônimos (*Deiv-*, *Gleid-*, *Mart-* etc.). Observemos o conjunto de prenomes dispostos na Tabela 2, a seguir:

¹⁸ Exemplos do uso de *Madison* como nome unissex na antroponímia de origem inglesa são a atriz estadunidense *Madison de la Garza*, irmã da cantora e atriz Demi Lovato, e o jogador de rugby também estadunidense *Madison Hughes*.

¹⁹ Os processos concatenativos são aqueles que se utilizam de elementos de reconhecida natureza morfêmica na língua, já os não concatenativos criam palavras ou formativos a partir de pedaços de palavras que não se reconhecem como morfemas.

TABELA 2 – Brasileirismos [[X] -son]

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
ACKSON	Brasileirismo	Ack + son	167/ 29.529°	1990
AGENSON	Brasileirismo	Agen + son	-	-
ALECSO	Brasileirismo	Alec + son	192 / 26.853°	1970
ALESSON	Brasileirismo	Ale + son	2.449 / 4.480°	1970
DEIVISON ~ DEYVSON	Brasileirismo	Dei(y)vi + son	17.299 / 1.144° 744 / 10.233°	1950 1970
FRENISSON	Brasileirismo	Freni + son	-	-
ERISSON	Brasileirismo	Eri + son	2.581 / 4.310°	1950
EVISSON	Brasileirismo	Evi + son	85/47.124°	1990
GEDSON	Brasileirismo	Ged + son	1.822/5.463°	1950
GILSON ²⁰	Brasileirismo	Gil + son	144.757/210°	Antes de 1930
GLEDSON	Brasileirismo	Gled + son	8.273/1920°	1950
GLEISSON	Brasileirismo	Glei + son	22.022/977°	1950
GLEYDSON	Brasileirismo	Gleyd + son	2.454/4.472°	1960
INGRISSON	Brasileirismo	Ingri + son	41/78.117°	1990
IVISSON	Brasileirismo	Ivi + son	2.050/5.045°	1950
JADSON	Brasileirismo	Jad + son	28.147/840°	1940
JANDESSON	Brasileirismo	Jande + son	125/ 36.063°	1980
JILDSON	Brasileirismo	Jild + son	48/70.377°	-
MARTSON	Brasileirismo	Mart + son	20/130.043°	-
NADSON	Brasileirismo	Nad + son	7.305/2.097°	1950
NAISSON	Brasileirismo	Nai + son	89/45.798°	1990
RADSON	Brasileirismo	Rad + son	641/ 11.392°	1970

²⁰ O nome *Gilson* apresentou-se para nós como um problema de análise, uma vez que é possível encontrar na origem inglesa a forma *Gilson*, proveniente de *Gilles* > *Gilleson* (*escocês*). Contudo, o fone inicial no caso do inglês/escocês será [g], enquanto o nome no Brasil se realiza com [ʒ]. A pergunta que nos cabe é terá o nome sido tomado através da modalidade escrita e daí surgiria a alteração no caráter fônico do nome? Ou será de fato *Gilson* uma formação a partir dos elementos *Gil-* e *-son*, combinados numa estrutura biformativa?

TALISSON ~ THALYSSON	Brasileirismo	Tali + son	11.057 / 1.571° 612 / 11.796°	1970 1980
WADSON	Brasileirismo	Wad + son	3.620/3.401°	1950
WALISSON	Brasileirismo	Wali + son	14.559 / 1.280°	1960
WALESSON	Brasileirismo	Wale + son	351/ 17.495°	1980
WANDESSON	Brasileirismo	Wande + son	309/ 19.183°	1980
WELBSON	Brasileirismo	Welb + son	73/52.737°	1990
WELISON	Brasileirismo	Weli+ son	8.646/1.858°	1960

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Foram levantadas 32 ocorrências de novas construções com o formativo *-son* no português brasileiro (PB). Diferentemente dos nomes tomados de empréstimos, que revelaram a possibilidade de também serem empregados como nomes femininos, os nomes formados no nosso sistema antroponímico revelaram-se basicamente aplicáveis a indivíduos do sexo masculinos, confirmando a nossa teoria de que há um esquema construcional para essas instanciações na organização do nosso léxico onomástico pessoal:

$$[[X\text{-son}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do gênero masculino associado a formativo antroponímico X}]_{\text{NP}}$$

Assim, para formar novos nomes de pessoas no Brasil, o falante tem a sua disposição a possibilidade de combinar o sufixo *-son* a um conjunto de fonemas que configurem uma base nominal (mantendo o modelo da construção biformativo mais próximo do original: nomes + suf. *-son*). Por sua vez, a contraparte semântica garantirá que se trata de um nome de pessoa e que esse nome leva, segundo nossos dados, a marca de gênero masculino. Não excluimos, contudo, a possibilidade de que uma ampliação do *corpus* nos permita encontrar novas formações de nomes femininos, tendo como modelos empréstimos como *Adison, Alison, Madison*.

Sobre a datação desses registros, é interessante observarmos que a grande maioria surge após a década de 1950, destacando-se desse grupo apenas *Gilson* (antes de 1930, cf. nota 22) e *Jadson* (1940). Isso significa que o esquema construcional *X-son*, passa, segundo os dados aqui analisados,²¹ a ficar mais produtivo no português brasileiro em meados do século passado.

²¹ A ampliação do *corpus* será fundamental para reflexão acerca das questões de datação.

4.3 As formações de *splinters* com base nos nomes *X-son*

O sentido mais geral do substantivo *splinter* em inglês pode ser descrito como ‘peças/lascas de um material que foi quebrado em pedaços grandes’. Aplicação do termo à morfologia vem claramente de uma extensão de sentido de natureza metafórica, uma vez que palavras são entendidas como materiais que podem ser quebrados. Assim, *splinter* designa o fenômeno que consiste em tomar partes de palavras (não identificadas como morfemas), para, a partir delas, formar outras palavras. Nas palavras de Lehrer (1998), *splinter* é um pedaço, não necessariamente morfêmico, tomado de uma forma modelo, que aparece em novas construções lexicais, como por exemplos: *-gate* (*Watergate*, *irangate* etc.) e *-thon* (*marathon*, *bikathon* etc.).

Gonçalves (2016b, p. 85-92) trata os *splinters* como novos formativos que surgem na língua, categorizando-os, com base em Szymanek (2005), como afixos que, por si sós, se estabelecem nas línguas, pois os falantes começam a percebê-los como tal, a partir de um grupo de palavras existentes (nativas ou estrangeiras).

No léxico comum, há uma série de exemplos desse fenômeno e Gonçalves (2016b) os divide em dois grupos: os não nativos (xenoconstituintes), como *cyber-* (*de cybernetics > ciberataque, ciber café...*); *wiki-* (*de Wikipédia > wikinovela, wikimapia...*); *-tube* (*de youtube > pronótube, brasileirãotube...*); *-búrguer* (*de hamburger > X-búrguer, franbúrguer...*) etc., e os nativos, como *-drasta* (*de madrasta > sogradrasta, tiadrasta...*) *-trocínio* (*de patrocínio > paitrocínio, autotrocínio...*); *caipi-* (*de caipirinha > caipirosca, caipifruta...*); *info-* (*de informática > infopeças, infoprofessor...*) etc. Por esses exemplos, podemos perceber que o ‘pedaço quebrado’ da palavra para se tornar um novo formativo não corresponde a um elemento morfêmico da língua, no entanto, ao assumirem o papel de formativo, passam a compor esquemas construcionais em que se torna previsível tanto o seu comportamento formal quanto semântico. Vejamos, por exemplo, o esquema construcional para as formas em *-nejo*, analisadas por Oliveira (2017), (*de sertanejo > pagonejo, funknejo, forronejo, lambanejo* etc):

[[X-nejo]_s ↔ [gênero musical sertanejo relacionado ao gênero musical X]]_s

Em relação a esse tipo de esquema, ressaltamos que as formas que ocupam a posição em X podem se tratar de formas livres na língua,

como *forró* e *funk*, mas também podem ser truncamentos (reduções) de formas livres como *pago-* (de *pagode*) e *lamba-* (de *lambada*).

A formação de *splinters* é, portanto, um fenômeno recorrente no léxico comum da língua portuguesa e não há motivos para que imaginemos que ele não possa ocorrer também no léxico onomástico.

Em se tratando das instanciações *X-son*, observamos que, no conjunto dos nomes tomados de empréstimo, há nomes que permitiram que os falantes fizessem recortes/quebras não morfêmicas, dando origem a *splinters* (novos formativos) antroponímicos. Trataremos deles a seguir.

4.3.1 As formações *X-elson* e *X-ilson* no PB

Dos nomes tomados de empréstimo dos sobrenomes do inglês, destacam-se, no Brasil, com grande frequência e antiguidade (antes de 1930), os prenomes *Nelson* e *Nilson* (cf. Tabela 1).

Como vimos acerca dos nomes comuns, o *splinter* pode ser destacado a partir de uma única palavra, por exemplo *pirigüete* deu origem a uma série de formações em português com o elemento *-guete* (*vovóguete*, *coroguete*, *amiguete* etc.); ressaltamos que o fator frequência de uso do nome/modelo terá grande relevância nesse processo.

No caso dos prenomes criados no Brasil, os modelos *Nelson*, *Nilson* e *Neilson* (este aparece em 1940 e é bem menos frequente) parecem ter servido como fomentadores para a geração dos *splinters* *-elson* e *-ilson*, bastante recorrentes entre os nomes inovadores, como demonstra a tabela a seguir:

TABELA 3 – Brasileirismos pelos *splinters* *X-elson* e *X-ilson*

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
ADELSON	Brasileirismo	Ad + elson	30.498/793°	Antes de 1930
ADEMILSON	Brasileirismo	Adem + ilson	21.675/988°	1930
ADILSON	Brasileirismo	Ad + ilson	155.430/200°	Antes de 1930
ALAILSON	Brasileirismo	Ala + ilson	2.391/4.550°	1950
AMAILSON	Brasileirismo	Ama + ilson	236/23.206°	1970
DEILSON	Brasileirismo	De + ilson	3.479/3.495°	1940
DENILSON	Brasileirismo	Den + ilson	74.473/395°	1930
DIELSON	Brasileirismo	Di + elson	2.704/4.174°	1940

DUILSON	Brasileirismo	Du + ilson	55/63.598°	-
EDIELSON	Brasileirismo	Edi + elson	6.546/2.243°	1940
EDIMILSON	Brasileirismo	Edim + ilson	46.382/572°	Antes de 1930
ELIELSON	Brasileirismo	Elil + elson	14.175/1.313°	1940
GENILSON	Brasileirismo	Gen + ilson	32.977/747°	1930
GIDAELSON	Brasileirismo	Gida + elson	-	-
JOELSON	Brasileirismo	Jo + elson	37.977/666°	1930
JOILSON	Brasileirismo	Jo + ilson	21.080/1.003°	1930
NAILSON	Brasileirismo	Na + ilson	8.063/1.952°	1940
NATAILSON	Brasileirismo	Nata + ilson	112/39.048°	1980
NERILSON	Brasileirismo	Ner + ilson	220/24.414°	1960
RENILSON	Brasileirismo	Ren + ilson	11.297/1.543°	1940
RONIELSON	Brasileirismo	Roni + elson	1.982/5.165°	1970
RONILSON	Brasileirismo	Roni + ilson	15.598/1.225°	1940

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Só nesse nosso *corpus*, bastante limitado quanto ao número de prenomes, encontramos 22 ocorrências de registros em que se apresentam os novos formativos, sendo 7 delas X *-elson* e 15 X *-ilson*.

Figuram nessa tabela nomes que mantêm a organização formal dos nomes, ou seja, temos um conjunto fonológico que desempenha o papel da base e um segundo formativo, que desempenha o papel de afixo.²² Sobre os elementos da margem esquerda, que fazem o papel de base, se é que para nomes próprios esse termo se aplica, percebemos a presença de formas livres (ainda que hipocorísticas) como *Jo* e *Roni*, mas também a presença de formativos que são recorrentes em nomes próprios, sempre ocupando a margem esquerda, como *Ad(i)-*, *Den(i)-*, *Ed(i)-* etc.

Novamente, como ocorreu com os nomes em *X-son*, é o gênero masculino que prevalece, não havendo entre esses dados nenhum prenome também empregado para indivíduos do sexo feminino. Desse modo, o esquema construcional para esses nomes é bastante semelhante ao anterior referente aos prenomes *X-son*, a alteração se dará basicamente na forma do afixo:

²² Sobre os novos formativos desempenharem um papel de afixo, de caráter sufixal, há que se considerar que eles se comportarem como a cabeça lexical da palavra, pois carregam informações de natureza categorial: nome próprio e gênero masculino.

[[X-e/ilson]_{NP} ↔ [nome de pessoa do gênero masculino]]_{NP}

Ressaltamos que a escolha por não estabelecer dois esquemas distintos, um para *X-elson* e outro para *X-ilson*, está relacionada à observação de que *e/i* comumente compõem formativos em que promovem oposição de natureza alomórfica, além disso, não há diferença no comportamento distribucional, nem semântico entre os *splinters*.

Um último aspecto a se destacar é que, diferentemente das construções *X-son* e *X-erson/X-irson*, de que iremos tratar a seguir, os *splinters* acima descritos carregam a tonicidade do vocábulo.²³

É, ainda, importante observar que cinco desses nomes têm seu primeiro registro na década de 1930 e três antes de 1930, o que nos levanta um dado relevante acerca do surgimento da neologia antroponímica no Brasil, demonstrando, por exemplo, que os nomes formados com esses *splinters* têm uma produtividade mais antiga na neologia brasileira que os nomes com o formativo *X-son*.

4.3.2 As formações *X-erson* no PB

Dos nomes tomados de empréstimo do inglês destacam-se, nesse caso, *Anderson*, *Emerson* e *Jeferson*, bastante difundidos no território nacional, desde antes da década de 1930, estando entre os 200 nomes mais populares, com destaque especial para *Anderson* que ocupa a 42ª posição em termos de popularidade no quadro geral de nomes no Brasil, incluindo nomes femininos e masculinos.

Esses nomes constituem-se, pois, modelos ideais para a formação do *splinter* antroponímico *-erson*, no português brasileiro. Esse formativo, segundo nossos dados, parece surgir por volta da década de 1940,²⁴ conforme observamos da Tabela 4 a seguir:

²³ Essa afirmativa está relacionada ao nosso conhecimento acerca da antroponímia brasileira, visto que o IBGE não fornece dados quanto à pronúncia dos nomes.

²⁴ A ampliação do *corpus* poderá confirmar ou recuar essa datação.

TABELA 4 – Brasileirismos pelos *splinters* X-erson e X-irson

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
CLEVERSON ~ KLEVERSON	Brasileirismo	Clev + erson	19.073/1.074° ~ 1.709/5.722°	1940 ~1960
DEIVERSON	Brasileirismo	Deiv + erson	1.192/7.332°	1970
DEMERSON	Brasileirismo	Dem+ erson	1.567/6.070°	1960
DEVERSON	Brasileirismo	Dev + erson	744/10.256°	1970
DJANDERSON	Brasileirismo	Djand + erson	-	-
ENDERSON	Brasileirismo	End + erson	4.570/2.918°	1950
ESTEFERSON	Brasileirismo	Estef + erson	454/14.496°	1970
JAMERSON	Brasileirismo	Jam + -erson	8.794 / 1.839°	1940
JEANDERSON	Brasileirismo	Jeand + erson	4.190/3.079°	1970
JENERSON	Brasileirismo	Jen + erson	244/22.716°	1980
UEVERSON	Brasileirismo	Uev + erson	460/14.346°	1970
VANDERSON ~ WANDERSON	Brasileirismo	Vand + erson	32.539/759° ~ 76.026/386°	1940 ~ 1940
WEBERSON	Brasileirismo	Web + erson	2.893/3.993°	1960
WILKERSON	Brasileirismo	Wilk + erson	412/15.531°	1970
WIVIRSON	Brasileirismo	Wiv + irson	-	-

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Foram encontrados 16 registros com instanciações do esquema *X-erson* e uma instanciação com a variante *-irson*. Como já discutimos acerca das variantes *-elson/-ilson*, não nos parece que o falante crie um novo esquema construcional, mas que apenas faça incidir sobre o esquema uma variação fônica bastante comum no Brasil, sobretudo em contextos pretônicos. Embora, o prenome *Wivirson* ainda não se encontre difundido pelo Brasil segundo os dados do IBGE, isso não significa que não tenhamos registros de outros nomes com *-irson*, pois pudemos encontrar na plataforma *Nomes no Brasil*, por exemplo: *Alirson* (64, desde 1990), *Ivirson* (58 registros, desde 1990), *Elirson* (29 registros), *Leirson* (132, desde 1980), sendo, ao que nos parece, essa a variante mais recente dentre os formativos advindos dos nomes em *X-son*.

Novamente, em nossa análise, acreditamos que prevalece a estruturação biformativa, isto é, o *splinter* é posicionado à margem direita do prenome, enquanto, a margem esquerda será ocupada por uma combinação de fonemas que são formas livres na antroponímia brasileira, como *Jam* (195 registros, variante de *Jan* 2.503 registros) ou que são formas presas recorrentes em outras formações antroponímicas, como *Deiv- Estef- Vand-* etc.

É o gênero masculino que prevalece assim como ocorreu com os nomes em *X-son* e nos nomes *X-e/ilson*, não havendo entre esses dados, conforme se verificou no site *Nomes no Brasil*, nenhum prenome também empregado para pessoas do sexo feminino.

O esquema construcional para esses nomes será semelhante aos anteriores e novamente a alteração se prestará a incidir sobre o aspecto formal do afixo:

$$[[X-i/erson]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do gênero masculino associado a formativo antroponímico X}]_{NP}$$

Embora o site do IBGE não forneça informação acerca da pronúncia dos nomes, nosso conhecimento acerca da antroponímia e do sistema fonológico do português nos permite afirmar, com algum grau de certeza, que a tonicidade dos 17 prenomes listados na tabela recai sobre a antepenúltima sílaba, tratando-se, portanto, de nomes proparoxítonos. Também parece ser o caso em *Alirson, Ivirson e Elirson* (encontrado nos dados do IBGE). Apenas no caso de *Leirson* parece ser possível aventar a possibilidade de que a tonicidade recaia sobre a penúltima sílaba [le' ihsõ] ou sobre a antepenúltima [ˈleihsõ]. Assim, é mais provável assumirmos que os *splinters X-erson/X-irson* não carregam a tonicidade do vocábulo, gerando um grupo de prenomes proparoxítonos em português. Esse fenômeno certamente gera um certo grau de estranhamento, uma vez que essa tonicidade sofre, com alguma frequência, processo de redução, na norma popular (*véspera* > *vespra*, *abóbora* > *abobra* etc), norma na qual os prenomes aqui estudados certamente foram criados.

4.3.3 Outras formações derivadas do esquema *X-son* na antroponímia brasileira

Para além das formações antes apresentadas, destacamos 7 ocorrências em que o processo de construção parece não ser tão

regular, ou ao menos, não tão explícito quanto à manutenção do caráter biformativo dos antropônimos neológicos no Brasil. Se formos proceder a segmentação de *Adinailson*, por exemplo, em formativos recorrentes em nomes próprios inovadores brasileiros teríamos *Adi-* + *-na-* + *-ilson*, contudo, temos forte convicção acerca da hipótese de que os nomes criativos são gerados com base na combinação de dois temas, dois nomes ou dois formativos, sendo, portanto, preferencialmente, uma estrutura binária. Desse modo, propomos que a análise dos nomes da Tabela 5 mantenha essa lógica, considerando que, serão adicionados, à margem esquerda, formativos antroponímicos recorrentes no nosso sistema a nomes já construídos anteriormente por processos biformativos. Vejamos o que propusemos:

TABELA 5 – Brasileirismos em –son por outros esquemas formativos

Nomes	Étimo	Formação	Frequência / popularidade (IBGE)	Primeiro registro
ADINAILSON	Brasileirismo	Adi+ nailson (na+ ilson)	138/33.699°	1970
DIOANDSON	Brasileirismo	Dio+ andson (and + son)	-	-
EDJAMILSON	Brasileirismo	Ed+ jamilson (jam + ilson)	-	-
ELIANDSON	Brasileirismo	Eli+ andson (and + son)	29/ 98.692°	.. ²⁵
GILMEIKSON	Brasileirismo	Gil + meikson (meik + son)	-	-
JOADISSON ²⁶	Brasileirismo	Jo + adison (adi+ son)	1.673 / 5.809°	1970
JOEDSON	Brasileirismo	Jo + edson (ed + son)	4.595/2.909°	1950

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Nossa hipótese pode ser reforçada pelo argumento de que é possível encontrar nos dados do IBGE todos os segundos formativos como formas livre, ou seja, prenomes com registros no Brasil: *Nailson*, 8.063; *Andson*, 1.265; *Meikson*, 47; *Jamilson*, 5.261, *Adisson*, 562 e *Edson* 431.543. Por sua vez, os formativos da margem esquerda também

²⁵ Não há informações quanto aos registros durante as décadas, pois o IBGE, para nomes com baixo número de registros, não fornece gráficos e informações referentes à distribuição desses pelas unidades federativas do Brasil.

²⁶ Nos dados do IBGE, só se registra a variante Joadson (sem a grafia do i epentético)..

são elementos de grande recorrência na onomástica pessoal brasileira: *Adi-, Dio-, Ed-, Eli-, Gil-, Jo-*.

Desse modo, fica evidente que não há falta de sistematicidade na formação de antropônimos neológicos, pelo contrário, parece haver um conjunto de esquemas bem estruturados que se organizam em torno de um padrão geral que é o uso de dois formativos que estejam disponíveis no sistema lexical antroponímico.

Nesse caso, em vez de se tomar um formativo de caráter sufixal como o *-son* ou um *splinter* de margem direita como *-e/ilson* ou *-i/erson*, o falante toma um nome já construído com um desses elementos e acrescenta, na margem esquerda, um outro formativo antroponímico, mantendo o padrão biformativo, como dito anteriormente.

Trata-se de um processo menos regular do que os anteriores e esse fato parece ser ratificado pela falta de grande recorrência desses nomes no Brasil, segundo os dados do IBGE, destacando-se desse grupo os prenomes *Joadisson* e *Joedossn* que parecem refletir de forma mais evidente o caráter composicional desses nomes.

5. As construções *X-son* na antroponímia brasileira: observações em tempo real

Nesta seção, comentaremos os dados analisados neste trabalho, com o intuito de entendermos o processo diacrônico de adoção e implementação das construções derivadas de *X-son* no léxico antroponímico brasileiro. Para isso, utilizaremos as classificações feitas na seção 4 e as esquematizaremos em gráficos e tabelas. Começamos, então, pelos dezesseis nomes advindos de patronímicos da língua inglesa, apresentados no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 – [[X]son] oriundos de língua inglesa



Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 1 mostra que, antes de 1930, oito dos dezesseis nomes já figuravam entre os prenomes de brasileiros. São eles: *Edson*, *Emerson*, *Hudson*, *Jackson*, *Jefferson*, *Nelson*, *Nilson* e *Robson*. Com base nos dados do IBGE, o nome *Emerson*, por exemplo, é verificado em 56 pessoas, nascidas antes de 1930. Com o passar das décadas, considerando-se o aumento populacional, é na passagem da década de 1960 (registro de 2.862 pessoas) para a década de 1970 (registro de 44.890 pessoas) que acontece a maior variação percentual da frequência do nome *Emerson*. Na década de 1990, o nome atinge o seu ápice, com o registro de 50.072 pessoas.

Em se tratando dos *X-son* advindos diretamente da língua inglesa, a partir da década de 1930, o gráfico aponta um declínio na quantidade de elementos importados. Na década de 1930, verificam-se, pela primeira vez, 3 dos 16 nomes encontrados no *corpus*; na década de 1940, 2; na década de 1950, nenhum, na década de 1960, 1; na década de 1970, 2. A partir da década de 1980, não se verificou nenhum nome sendo registrado pela primeira vez. Na Tabela 6, a seguir, fazemos uma esquematização com todos esses nomes, considerando a frequência no período de surgimento, o momento em que os nomes aumentam potencialmente de frequência e a década de ápice.

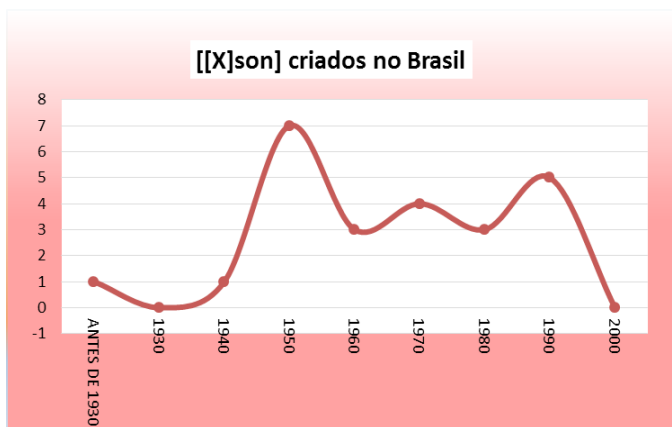
TABELA 6 – Anglicismos em *-son*: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
Antes de 1930	Edson	908	Antes de 1930 (908) > 1930 (5.012)	1970 (111.469)
	Emerson	56	1960 (2.852) > 1970 (44.890)	1990 (50.072)
	Hudson	23	1950 (384) > 1960 (1.503)	1990 (7.366)
	Jackson	37	1960 (2.426) > 1970 (7.145)	1990 (20.855)
	Jefferson	21	1950 (451) > 1960 (1.995)	1990 (22.016)
	Nelson	4.024	Antes de 1930 (4.024) > 1930 (15.412)	1950 (45.405)
	Nilson	403	Antes de 1930 (403) > 1930 (2.090)	1970 (27.385)
1930	Robson	55	1940 (489) > 1950 (4.445)	1980 (85.165)
	Adson	30	1930 (30) > 1940 (109)	1990 (3.327)
	Alisson	20	1960 (283) > 1970 (4.191)	1990 (41.453)
1940	Anderson	63	1960 (7.146) > 1970 (75.569)	1980 (180.330)
	Madson	22	1960 (204) > 1970 (834)	1990 (3.334)
1960	Neilson	35	1950 (166) > 1960 (578)	1980 (1.675)
	Erickson	46	1960 (46) > 1970 (189)	1990 (735)
1970	Harrison	52	1960 (52) > 1970 (163)	1990 (539)
	Abson	27	1970 (27) > 1980 (66)	1980 (66)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 2 apresenta as tendências dos brasileirismos formados com o formativo *-son*, aqueles que não são formados pelos *splinters -e/(i)lson* e *-e/(i)rson*. Considerados 24 nomes nesse grupo, é na década de 1950 que aparecem mais criações de brasileiros, com sete nomes. Esses são: *Deivison*, *Erisson*, *Gledson*, *Gleison*, *Ivison*, *Nadson* e *Wadson*.

GRÁFICO 2 – [[X]son] criados no Brasil



Fonte: Elaboração dos próprios autores

A respeito do *Deivison*, que está nesse primeiro grupo de brasileirismos, podemos ver, com base nos dados do IBGE, que, na década de 1950, são registradas 24 pessoas com esse nome. É na passagem da década de 1960 para a de 1970 que se verifica a maior variação percentual, indo de 85 para 648 registrados. O ápice desse nome acontece na década de 1990, com 6.449 registros. A situação dos outros nomes desse grupo pode ser vista na Tabela 7, a seguir.

TABELA 7 – Brasileirismos em *-son*: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
Antes de 1930	Gilson	127	1930 (817) > 1940 (3.793)	1970 (40.780)
1940	Jadson	42	1950 (124) > 1960 (629)	1990 (10.533)
1950	Deivison	24	1960 (85) > 1970 (648)	1990 (6.449)
	Erijson	24	1960 (69) > 1970 (196)	1990 (1.037)
	Gledson	31	1960 (115) > 1970 (1.296)	1980 (3.215)
	Gleison	37	1960 (261) > 1970 (2.418)	1990 (8.256)
	Iverson	66	1970 (140) > 1980 (453)	2000 (651)
	Nadson	31	1970 (450) > 1980 (1.352)	2000 (3.027)
	Wadson	40	1950 (40) > 1960 (147)	1990 (1.171)

1960	Gleydson	23	1960 (23) > 1970 (257)	1980 (807)
	Walisson	37	1960 (37) > 1970 (344)	1990 (6.507)
	Welison	46	1960 (46) > 1970 (288)	1990 (3.710)
1970	Alecson	37	1970 (37) > 1980 (69)	1980 (69)
	Alesson	55	1970 (55) > 1980 (309)	1990 (1.254)
	Radson	69	1970 (69) > 1980 (146)	1990 (207)
	Talisson	30	1970 (30) > 1980 (370)	2000 (6.696)
1980	Jandesson	26	1980 (26) > 1990 (61)	1990 (61)
	Walesson	46	1980 (46) > 1990 (178)	1990 (178)
	Wandesson	40	1980 (40) > 1990 (129)	2000 (132)
1990	Ackson	91	1990 (91) > 2000 (43) ²⁷	1990 (91)
	Evisson	24	1990 (24) > 2000 (36)	2000 (36)
	Ingrisson	32	- ²⁸	1990 (32)
	Naiisson	36	1990 (36) > 2000 (39)	2000 (39)
	Welbson	35	- ²⁹	1990 (35)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

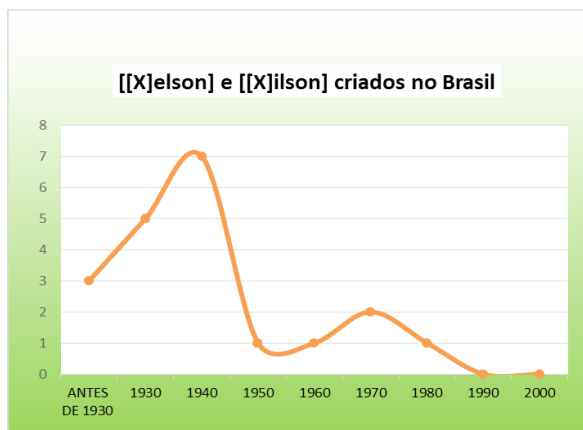
No Gráfico 3, selecionamos as criações brasileiras a partir dos splinters *X-elson* e *X-ilson*, tais como *Ronielson* e *Natailson*. Desse grupo com dezoito nomes, *Adelson*, *Adilson* e *Edimilson* são os únicos com registro significativo antes de 1930. É a década de 1940, com 7 nomes registrados pela primeira vez, a mais produtiva, diferentemente do que aconteceu no Gráfico 2, em que foi a década de 1950 que se destacou em relação a esse aspecto.

²⁷ Notemos que, nesse contexto, houve declínio na frequência.

²⁸ O IBGE só aponta registros significativos na década de 1990, sendo, portanto, o ápice do nome. Nesse sentido, não há como medir o período de tempo em que houve maior variação de quantidade.

²⁹ Ver nota 28.

GRÁFICO 3 – [[X]elson] e [[X]ilson] criados no Brasil



Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 3 aborda também nomes como *Denilson*. Esse nome aparece significativamente na década de 1930, com 40 registros. Na década de 1940, aparecem 183. Na de 1950, 587. É na passagem dessa última década para a de 1960 que há a maior variação percentual, pois sai de um número de 587 para 7.675 na década de 1960. O ápice desse nome acontece na década de 1990, com 21.018 registros. Observemos a Tabela 8, a seguir.

TABELA 8 – Brasileirismos em *-elson* e *-ilson*: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
Antes de 1930	Adelson	98	Antes de 1930 (98) > 1930 (456)	1980 (7.898)
	Adilson	49	Antes de 1930 (49) > 1930 (858)	1970 (50.215)
	Edimilson	51	1930 (51) > 1940 (290)	1970 (14.201)
1930	Ademilson	29	1930 (29) > 1940 (218)	1970 (7.437)
	Denilson	40	1950 (587) > 1960 (7.675)	1990 (21.018)
	Genilson	47	1930 (47) > 1940 (193)	1980 (10.627)
	Joelson	38	1930 (38) > 1940 (240)	1980 (11.577)

1940	Deilson	21	1940 (21) > 1950 (86)	1990 (926)
	Dielson	46	1940 (46) > 1950 (112)	1990 (862)
	Edielson	30	1950 (77) > 1960 (375)	1990 (1.890)
	Elielson	27	1950 (105) > 1960 (565)	1980 (4.579)
	Nailson	26	1940 (26) > 1950 (109)	1990 (2.878)
	Ronilson	58	1950 (160) > 1960 (931)	1990 (4.652)
1950	Alailson	36	1950 (36) > 1960 (124)	1990 (767)
1960	Nerilson	34	1990 (43) > 2000 (22)	1970 (53)
1970	Amailson	23	1990 (89) > 2000 (38)	1990 (89)
	Ronielson	86	1970 (86) > 1980 (354)	1990 (874)
1980	Natailson	27	1990 (48) > 2000 (24)	1990 (48)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

No Gráfico 4, abordamos as formações a partir dos splinters *X-erson* e *X-irson*, como *Cleverson*, *Jamerson* e *Wivirson*.³⁰ Ao todo, 13 nomes geraram informações no site do IBGE. Importa mencionar que, diferentemente do que aconteceu com os esquemas anteriores, as instanciações desse esquema só começam a aparecer na década de 1940, como podemos observar a seguir.

³⁰ Este nome não apresentou registro significativo no site do IBGE, mas, por considerarmos que ele é oriundo desse esquema morfológico, fizemos menção nesse momento.

GRÁFICO 4 – [[X]erson] e [[X]irson] criados no Brasil



Fonte: Elaboração dos próprios autores

A partir dos nossos dados, percebemos que é na década de 1970 que o *splinter X-erson* se torna mais produtivo, registrando-se, pela primeira vez, nomes como *Devererson*, *Esteferson*, *Jeanderson* e *Wilkerson*. Como podemos ver, na Tabela 9, a seguir, todos os nomes cunhados na década de 1970 têm seu ápice de frequência na década de 1990, época em que não se verificou, a partir dos dados, nenhum nome sendo cunhado por esse esquema.

TABELA 9 – Brasileirismos em *-elson* e *-ilson*: questões de frequência

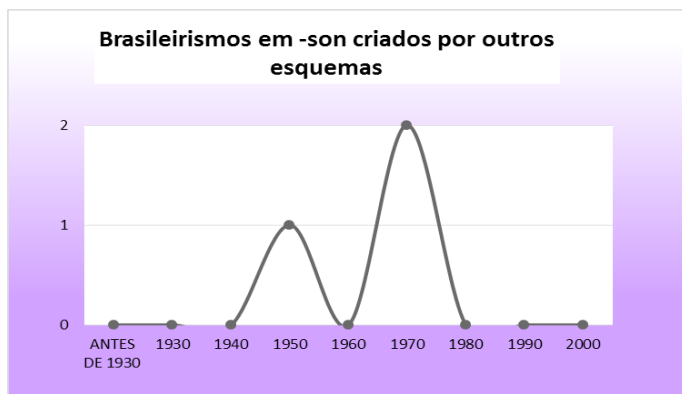
Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
1940	Cleverson	33	1960 (421) > 1970 (3.444)	1980 (7.032)
	Jamerson	22	1960 (193) > 1970 (792)	1990 (3.396)
	Wanderson	33	1960 (677) > 1970 (7.675)	1990 (30.041)
1950	Enderson	32	1960 (81) > 1970 (421)	2000 (1.923)
1960	Weberson	32	1990 (952) > 2000 (415)	1980 (1.067)
	Demerson	20	1990 (643) > 2000 (288)	1990 (643)

1970	Deiverson	57	1970 (57) > 1980 (339)	1990 (546)
	Deverson	62	1970 (66) > 1980 (222)	1990 (306)
	Esteferson	40	1970 (40) > 1980 (105)	1990 (207)
	Jeanderson	148	1970 (148) > 1980 (818)	1990 (1.803)
	Ueversson	36	1970 (36) > 1990 (92)	1990 (205)
	Wilkerson	70	1990 (161) > 2000 (68)	1990 (161)
	1980	Jenerson	45	1980 (45) > 1990 (124)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

O Gráfico 5 aborda formações que entendemos terem sido criadas a partir de outros esquemas que não os anteriores. Esses nomes podem ter sido criados por composição ou afixação de nomes que já se verificavam na antroponímia brasileira. Dos sete nomes que classificamos como ‘outros mecanismos de criação’, três geraram informações no site do IBGE: *Joedson*, *Adinailson* e *Joadisson*. O primeiro a ter registro é *Joedson*, na década de 1950. Na década de 1970, os outros dois aparecem significativamente pela primeira vez. Informações dessa natureza podem ser vistas tanto no Gráfico 5 como na Tabela 10, ambos a seguir.

GRÁFICO 5 – Brasileirismos em -son por outros esquemas



Fonte: Elaboração dos próprios autores

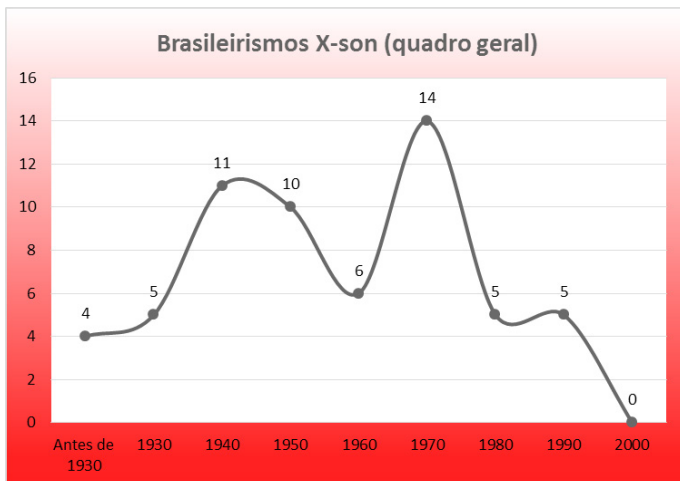
TABELA 10 – Brasileirismos em *-son* por outros esquemas: questões de frequência

Período de surgimento	Nome	Frequência no período de surgimento	Período de maior variação percentual de frequência	Ápice de frequência
1950	Joedson	32	1960 (119) > 1970 (477)	1990 (1.585)
1970	Adinailson	24	1990 (49) > 2000 (24)	1990 (49)
	Joadisson (Joadson)	61	1970 (61) > 1980 (377)	1990 (629)

Fonte: Elaboração dos próprios autores

Para o Gráfico 6, reunimos todos os dados de brasileirismos considerados nesta seção, sem levarmos em conta as diferentes configurações formativas consideradas, e observamos que, em termos de frequência, há dois fluxos de aumento da produtividade dos neologismos advindos dos modelos tomados de empréstimo no Brasil. O primeiro marco acontece na década de 1940 e o segundo na década de 1970, época mais criativa, por assim dizer. A década de 2000 não apresenta inventividade em nossos dados. Isso talvez se justifique pelo fato de se tratar de uma lista de aprovados em vestibulares de 2016 e 2017. Como a média de idade de conclusão do Ensino Médio por estudantes brasileiros é de 19 anos, podemos pensar que uma boa parte dos aprovados nasceram, pelo menos em 1997 e 1998 (ou antes disso), estando minimamente inscritos, portanto, na década de 1990, conforme o site do IBGE.

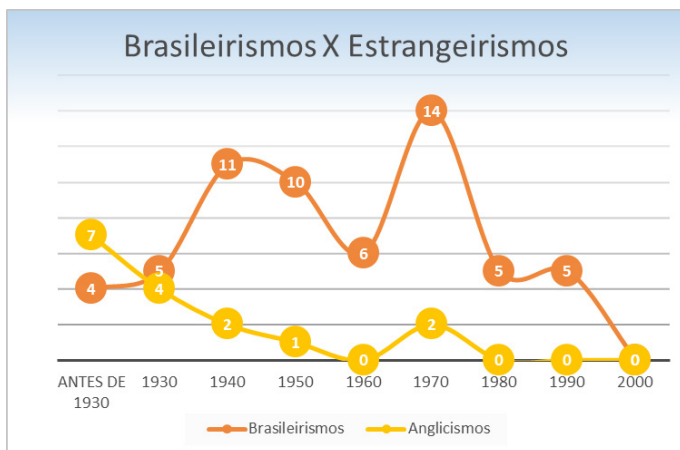
GRÁFICO 6 – Quadro geral de nomes brasileiros X-son



Fonte: Elaboração dos próprios autores

Por último, apresentamos o Gráfico 7, em que comparamos os brasileirismos e os nomes considerados como advindos da língua inglesa, com base nos nossos dados. Notamos que, antes da década de 1930, os nomes oriundos do inglês são mais frequentes que os brasileirismos. Na década de 1930, a diferença a favor dos brasileirismos ainda é pouca. É na década de 1940 que os brasileirismos começam a sobressair: há 11 brasileirismos contra 2 anglicismos. Na década de 1970, novamente, os brasileirismos se destacam mais, com 14 itens contra 2 anglicismos. A partir da década de 1980, não se registra mais importação de anglicismos, ao passo que novos nomes em *-son* continuam sendo criados no Brasil.

GRÁFICO 7 – Quadro comparativo de nomes brasileiros e nomes ingleses X-son



Fonte: Elaboração dos próprios autores

6 As construções X-son na antroponímia portuguesa: efeitos de comparação

Os estudos comparativos acerca da antroponímia de Portugal e do Brasil, tais como os feitos por Castro (2004, 2005), com base nas listas telefônicas das cidades de Lisboa, São Paulo e Rio de Janeiro, apontam que, em termos de frequência, as duas nações apresentam um *ranking* muito parecido de sobrenomes e de prenomes. Isso é dizer que os prenomes já difundidos na tradição antroponímica portuguesa continuam sendo os mais frequentes na antroponímia brasileira.

Ainda que reconheça a marcante criatividade dos brasileiros na atribuição de nomes, Castro (2004) destaca que esse fator não se revelou entre os dados mais recorrentes. Observa também que, tendo o léxico antroponímico brasileiro herdado os elementos da tradição lusitana, o contrário não se verifica de maneira maciça: raríssimos são os elementos característicos da antroponímia brasileira que conseguem penetrar na antroponímia portuguesa. Essas incorporações, em geral, se devem aos produtos tecnológicos e culturais, como as telenovelas, que o Brasil exporta para Portugal e não chegam a ressaltar a tal criatividade.

A fim de observarmos essa questão, colocamos na Tabela 11, os nomes *X-son* que figuram na *Lista de Nomes Admitidos e Não Admitidos em Portugal*. As outras informações constantes são: o *status* de admissão em Portugal, a frequência, a popularidade e o primeiro registro no Brasil, informações extraídas do site do IBGE.

TABELA 11 – Nomes em *-son* na Lista de nomes admitidos e não admitidos em Portugal

Nomes	Admitido em Portugal?	Frequência / popularidade no Brasil (IBGE)	Primeiro registro no Brasil
ADILSON	NÃO	155.430/200°	Antes de 1930
ALISON	NÃO	72.950/405°	1940
ÁLISON	SIM	72.950/405°	1940
ANDERSON	NÃO	473.250/42°	Antes de 1930
DELSON	NÃO	7.024/2.150°	Antes de 1930
DENILSON	NÃO	74.473/395°	1930
DILSON	NÃO	18.462/1.098	Antes de 1930
DOLSON	NÃO	-	-
EDILSON	NÃO	124.272/252°	Antes de 1930
EDISON	NÃO	34.927/715°	Antes de 1930
EDMILSON	NÃO	93.514/322°	Antes de 1930
EDSON	NÃO	431.543/55°	Antes de 1930
ÉLSON	SIM	33.252/740°	Antes de 1930
EMERSON	NÃO	177.935/176°	Antes de 1930
GERSON	SIM	86.856/338°	Antes de 1930
GILESSON	NÃO	-	-
GILSON	NÃO	144.757/210°	Antes de 1930
HÉDISON	NÃO	41/78.072°	-
ILSON	NÃO	14.078/1.321°	Antes de 1930

JAILSON	NÃO	75.353/389°	1930
JASSON	NÃO	1.039/8.095	1930
JEFERSON	NÃO	253.819/114°	Antes de 1930
JERSON	NÃO	17.667/1.127°	Antes de 1930
JILSON	NÃO	6.584/2.234°	1930
JOELSON	NÃO	37.977/666°	1930
KELSON	NÃO	4.840/2.804°	1950
LENILSON	NÃO	11.825/1.479°	1930
LENISON	NÃO	332/18.206°	1960
LIEDSON	NÃO	2.792/4.080°	1970
MISSON	NÃO	-	-
NELSON	SIM	200.581/158°	Antes de 1930
NÉLSON	SIM	200.581/158	Antes de 1930
NILSON	SIM	101.796/303°	1930
ROBINSON	NÃO	3.479/3.496°	1940
ROBSON	NÃO	236.282/125°	Antes de 1930
VÍLSON	SIM	43.319/605°	Antes de 1930
WILSON	SIM	188.800/169°	Antes de 1930

Fonte: Elaboração dos próprios autores

A Tabela 11 mostra que, dos 37 nomes que figuram na lista, 8 são admitidos em Portugal: *Álison*, *Élson*, *Gerson*, *Nelson*, *Nélson*, *Nilson*, *Vilson* e *Wilson*. Entre os 29 não admitidos, importa chamar atenção que, em alguns casos, são variantes gráficas não aceitas *Alison* e *Jerson*. Outro fato é que apenas *Dolson*, *Gillesson* e *Misson* não encontram frequência significativa no Brasil, conforme o site do IBGE. Dos nomes que o site gera informações, apenas a forma *Hédison* (variante gráfica de *Edson*) tem baixa popularidade, certamente pelo fato de haver uma forma consagrada. A recusa ao nome *Edson* e também a *Anderson*, *Edmilson*, *Emerson*, *Gilson*, *Jeferson*, *Joelson*, *Robson*, nomes facilmente encontráveis no Brasil, ratifica a tradicionalidade e o conservadorismo de Portugal. Esse

rigor, ao que parece, vai muito além das práticas de nomeação, estando bastante relacionado ao sentimento de língua (de língua pura, melhor dizendo) que a nação portuguesa tem, e que o Brasil apresenta com maior parcimônia.

7 Considerações finais

Acreditamos que o fenômeno neológico da antroponímia brasileira começa a se generalizar no segundo quartel do século XX. Essa crença se baseia no conhecimento de alguns dados importantes: 1) primeiro, o estudo de *corpora* datados anteriormente a esse momento não revela número significativo de nomes neológicos que nos leve a considerar a relevância do fenômeno nesses períodos; 2) segundo, ao verificarmos alguns nomes de caráter inovador na base de dados do IBGE, como os analisados neste estudo, constatamos que seu surgimento data, frequentemente, a partir da década de 1930.

As motivações para o incremento acentuado da neologia antroponímica ao longo do século XX ainda é um aspecto que demanda maiores investigações, mas aventamos que tenha forte relação com alguns aspectos socioculturais importantes. Em primeiro lugar consideramos que, após a abolição da escravatura, nasce uma massa populacional em busca de uma construção identitária particular, pois não se reconhece na matriz branca opressora que sempre a nomeou, – e que foi responsável pela expropriação de seus nomes originais, de sua cultura e de suas línguas. É assim que, motivados pela busca dessa nova identidade própria, esses brasileiros afrodescendentes vão procurar novas formas de nomeação que os desvinculem do seu passado de submissão à tradição branca cristã.³¹ No mesmo período, instituiu-se a obrigatoriedade do registro de nascimento, em janeiro de 1889, através do Decreto nº. 10.044, e a partir de então, todos os municípios do país deveriam estar dotados de pelo menos um ofício do registro civil, tirando a prerrogativa do batismo e de influência sobre a nomeação das mãos da igreja católica; isso, certamente, possibilitou ao cidadão uma maior liberdade para a escolha do nome com o qual registraria os seus descendentes. Contudo,

³¹ Fenômeno semelhante parece afetar a população afrodescendente norte-americana, como demonstram Lieberson e Mikelson, em seu *artigo Distinctive African American Names: An Experimental, Historical, and Linguistic Analysis of Innovation* (1995).

a difusão de nomes neológicos Brasil afora não poderá também estar desvinculada de fenômenos midiáticos com o surgimento e propagação do rádio entre as décadas de 1920-1950, do cinema entre as décadas de 1930 e 1960 e, depois, o surgimento e a disseminação das televisões nas décadas de 1950-1970.

Em relação aos nomes advindos do inglês, é preciso entender um pouco das relações entre Brasil e Estados Unidos no contexto sócio-histórico-cultural. Segundo Galdioli (2008, p. 76-117), embora o primeiro país latino a ter um diplomata norte-americano tenha sido o Brasil e, embora os Estados Unidos tenham sido os primeiros a reconhecerem a independência do Brasil, em 1824, o relacionamento entre os dois países, durante quase todo o século XIX, foi pouco significativo. Isso se deve não só ao alinhamento político brasileiro à Europa naquele período, mas também ao próprio isolacionismo estadunidense. Uma maior aproximação ocorreu com a Proclamação da República, em 1889, quando o Brasil passou a adotar uma postura de alinhamento à América, como uma alternativa para a inserção internacional do país a partir do próprio continente americano e uma forma de distanciar-se do Império e de tudo que ele representava. Mas é na década de 1930, que essas relações se tornarão mais estreitas, pois a Política da Boa Vizinhança, lançada no governo presidente Roosevelt (1933-1945), sinaliza uma reorientação da política externa norte-americana para a América Latina, tendo como objetivo a disseminação do *American way of life*, reconstruindo a imagem dos EUA, dando-lhes uma roupagem amistosa e usando a cultura³² como um instrumento do poder brando.

Então, certamente, é principalmente através da expansão cultural norte-americana, fortalecida nos anos 30, que os nomes com o formativo *X-son* nos foram apresentados e admirados a ponto de serem integrados ao nosso sistema antroponímico. No caso da influência cultural norte-americana no Brasil, destacam-se a produção musical, difundida pela indústria radiofônica em expansão no país desde a década de 1920, e a indústria cinematográfica.

Durante a década de 1930, a produção cinematográfica norte-americana consumou-se como uma produção industrial em larga escala e esse processo afetou a cultura brasileira de forma significativa.

³² Entendamos aqui *cultura* como propõe Sodré (1981, p. 3), “o conjunto de valores materiais e espirituais criados pela humanidade, no curso de sua história”.

Segundo Bernardet (1979), a estruturação do mercado exibidor de cinema no país já havia acontecido entre os anos de 1907 e 1910. Mas, a partir dos anos 1930, diversos acordos comerciais estabelecem que os filmes norte-americanos passem a entrar no Brasil isentos de tarifas alfandegárias e, desde então, surgiram também as revistas especializadas em cinema que começam circular pelo país e difundir os mitos e estrelas hollywoodianas, isso significa que o acesso às informações acerca do cinema norte-americano não estava restrita àqueles que de fato tinham condições de frequentar as salas de cinema; também circulavam, através da nossa imprensa, notícias sobre os personagens dos filmes e os atores que os representavam. Desse modo, compreendemos que, desde aquele momento, a produção cinematográfica e a sua propaganda despertavam a admiração dos brasileiros pelos heróis americanos, pelas personagens românticas e pelas estrelas hollywoodianas que aqui ditavam moda.

Assim, também alguns anglicismos antroponímicos passam a ter aceitação entre a população brasileira. Destaque-se, nesse processo, que na tradição linguística inglesa a nomeação do indivíduo, em situações de relativa formalidade, se dá pelo sobrenome, portanto, personagens ou atores identificados como *Mr. Anderson*, *Mr. Jefferson* ou *Mr. Robson* podem ter motivado a tomada desses sobrenomes como prenomes.

Em suma, acreditamos ter apresentado, neste estudo, um entrelaçamento de questões de grande importância para a compreensão do fenômeno neológico no Brasil. Partimos da discussão acerca da significação dos nomes próprios e passamos pela compreensão da formação histórica dos patronímicos em português e dos patronímicos com o sufixo *-son*, abordando o seu deslocamento semântico de ‘filho de’, em sua origem, a ‘nome de pessoa do sexo masculino’, no português brasileiro, trazendo análises com bases em dados estatísticos de uso no Brasil e delas inferindo padrões morfológicos e, daí, chegamos à observação do fenômeno através do fator cronológico. Entendendo o processo de nomeação do indivíduo como um aspecto cultural extremamente relevante, propusemos uma análise dos nomes em *X-son* que são ou não são admitidos em Portugal, promovendo uma inferida comparação entre duas culturas de mesma língua. Por fim, buscamos alinhar todo esse entrelaçamento trazendo uma reflexão acerca da neologia antroponímica no Brasil e de como os anglicismos antroponímicos em *X-son* acabaram por fazer parte do nosso sistema onomástico pessoal.

Concluimos, portanto, que os formativos derivados dos empréstimos em *X-son* do inglês terão papel relevante na organização do sistema antroponímico no Brasil, destacando nesse processo que o *splinter X-(e)ilson* parece ter sido o primeiro a ser incorporado ao nosso quadro onomástico pessoal, segundo os dados aqui analisados. Por fim, ressaltamos que a análise das datações referente aos nomes aqui analisados vem a fortalecer a hipótese de que a neologia antroponímica no Brasil é um fenômeno que começa a se difundir a partir do primeiro quartel do século XX.

Referências

ARTHUR, William. *An Etymological Dictionary of Family and Christian Names With an Essay on their Derivation and Import*. New York: Sheldon. Blakeman, 1857.

BARBOSA, A. Lemos. *Pequeno vocabulário tupi-português*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951. 202 p.

BERNARDET, Jean-Claude. *Cinema brasileiro: propostas para uma história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus; ANTUNES, Alessandra Martins. Princípios teóricos de Toponímia e Antroponímia: a questão do nome próprio. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XI., 2007, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI, p. 108-121.

CASTRO, Ivo. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas. In: AGRELO, A. I. B. (Org.). *Novi te ex nomine: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. Coruña: Fund. Barrié, 2004. p. 245-256.

CASTRO, Ivo. Mais sobre antroponímia luso-brasileira: dados cariocas. In: MARQUES, Maria Aldina; KOLLER, Erwin (Ed.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: Universidade do Minho, 2005. p. 45-52.

COISAS que só acontecem na Bahia. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RIUSpiadasinteligentes/posts/878943255460329>>. Acesso em: 17 out. 2017.

FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.

GALDIOLI, Andreza da Silva. *A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança*. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – UNESP, UNICAMP, PUC-SP, São Paulo, 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v.15, n. 1, p.169-199, 2012.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016a.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016b.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Campus; Elsevier, 2011. 231p.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LEHRER, Adrienne. Prefix in English word formation. *Folia Linguistica*, Berlim, v. XXIX, n. 1-2, p. 133-148, 1998.

LEVINSON, Stephen C. Dêixis. In: _____. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIEBERSON, Stanley; MIKELSON, Kelly S. Distinctive African American Names: An Experimental, Historical and Linguistic Analysis of Innovation. In: _____. *American Sociological Review*, v. 60, n 6, p. 928-946, 1995.

LISTA de aprovados dos vestibulares de 2016. disponível em: <<http://www.vestibular.uneb.br/resultadovestibular2016.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2017.

LISTA de aprovados dos vestibulares de 2017. disponível em: <http://www.vestibular.uneb.br/resultado_uneb_2017.2.pdf>. Acesso em: 7 out. 2017.

LISTA DE NOMES admitidos em Portugal. Atualizada em 31 mar. 2017. Disponível em: <http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista_de_nomes2017-03-31.pdf?nocache=1491571447.75>. Acesso em: 7 out. 2017.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 v. Lisboa: Horizonte; Confluência, 1981.

MENON, Odete Pereira. Sobrenomes no feminino e patronímicos em -ez (-es): perdas morfológicas em português. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v.13, n. especial, p. 65-81, 2013.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. *O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

MILL, John Stuart. *A system of logic ratiocinative and inductive*. New York: Harper & Brothers, Publishers; Franklin Square, 1846.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952. t. II.

NOMES NO BRASIL. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 29 out. 2017.

OLIVEIRA, Ana Cristina Rosito. *As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PINKER, Steven. O que há num nome? In: _____. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 320-367.

PLATAFORMA Nomes no Brasil. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>>. Acesso em: 7 out. 2017.

REANEY, Percy H.; WILSON, Richard Middlewood. *A Dictionary of English Surnames*. 3. ed. London; New York: Routledge, 2006.

RODRIGUES, Leticia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SEIDE, Marcia Sipavicius. Toponomástica e antroponomástica: paradigmas e métodos. *Confluência*, Rio de Janeiro, v. 44/45, p. 165-184, 2013.

SILVA, Irani Sacerdote de Souza. Antroponímia portuguesa: um breve estudo acerca dos sobrenomes no período medieval. *Voos: Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá*, Guarapuava, PR, v. 4, n. 1, p. 31-40, 2012.

SIMÕES NETO, N. A. *Um enfoque construcional sobre as formações X-eir-: da origem latina ao português arcaico*. 2016. 2 v., 655f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SIMÕES NETO, Natival Almeida; RODRIGUES, Leticia Santos. A neologia e os processos genolexicais em antropônimos brasileiros: um breve mapeamento de estudos realizados. *Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos*, Unilab, v. 1, n.2, p. 110-127, 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de História da Cultura Brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SOLEDADE, Juliana. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos. In: LOBO, Tânia *et al.* (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 323-336.

SOLEDADE, Juliana. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi-EIR-]Nj no português arcaico. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, Rio de Janeiro, v. 1, n. especial, 2013.

SOUSA, Alexandre Melo de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: Estudo toponímico de acidentes geográficos humanos e físicos do Acre*. 2007. 123f.. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SURNAMEDB. The Internet Surname Database. Disponível em: <<http://www.surnamedb.com>>. Acesso em: 29 out. 2017.

SZYMANEK, Bogdan. The latest trends in English word-formation. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (Ed.). *The handbook of word-formation*. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.

TEIXEIRA, José. Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal. *Diacrítica*, Série Ciências da Linguagem, Universidade do Minho, Braga, v. 21, n. 1, p. 207-239, 2007.

THE INTERNET Surname Database. Disponível em: <<http://www.surnamedb.com>>. Acesso em: 15 out. 2017.

ULLMANN, Stephen. Nomes próprios. In: _____. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. p. 148-165.

VASCONCELOS, José Leite de. *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1928.

VIARO, Mário Eduardo. *Manual de etimologia do português*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 218 p.